

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação.
Permitida a cópia. A citação deve ser textual, com indicação de
fonte conforme abaixo.

RIBEIRO, Darcy. *Darcy Ribeiro (depoimento, 1978)*. Rio de
Janeiro, CPDOC, 2010. 61 p.

DARCY RIBEIRO
(depoimento, 1978)

Ficha Técnica

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Carla Costa; Maria Clara Mariani; Maria Tereza Lopes; Márcia Bandeira de Mello Leite Ariela; Tjerk Franken

levantamento de dados: Patrícia Campos de Sousa

pesquisa e elaboração do roteiro: Equipe

sumário: Equipe

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil

data: 15/02/1978 a 22/02/1978

duração: 2h 15min

fitas cassete: 02

páginas: 61

Entrevista realizada no contexto do projeto "História da ciência no Brasil", desenvolvido entre 1975 e 1978 e coordenado por Simon Schwartzman. O projeto resultou em 77 entrevistas com cientistas brasileiros de várias gerações, sobre sua vida profissional, a natureza da atividade científica, o ambiente científico e cultural no país e a importância e as dificuldades do trabalho científico no Brasil e no mundo. Informações sobre as entrevistas foram publicadas no catálogo "História da ciência no Brasil: acervo de depoimentos / CPDOC." Apresentação de Simon Schwartzman (Rio de Janeiro, Finep, 1984).

A escolha do entrevistado se justificou por sua trajetória profissional. Etnólogo, antropólogo, professor, educador, ensaísta e romancista, o entrevistado fundou o Museu do Índio, que dirigiu até 1947, e criou o Parque Indígena do Xingu. Elaborou para a UNESCO um estudo do impacto da civilização sobre os grupos indígenas brasileiros no século XX e colaborou com a Organização Internacional do Trabalho na preparação de um manual sobre os povos aborígenes de todo o mundo. Organizou e dirigiu o primeiro curso de pós-graduação em Antropologia,

tendo sido professor de Etnologia da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (1955-56).

temas: Administração Federal, Antropologia, Anísio Teixeira, Arquitetura, Atividade Profissional, Brasília, Ciências Sociais, Comunismo, Crises Políticas, Darcy Ribeiro, Ensino Superior, Formação Profissional, Governo João Goulart (1961-1964), História da Ciência, Hélder Câmara, Igreja Católica, Instituições Acadêmicas, Instituições Científicas, Israel Pinheiro, Juscelino Kubitschek, Metodologia de Pesquisa, Oscar Niemeyer, Perseguição Política, Pesquisa Científica e Tecnológica, Política Científica e Tecnológica, Positivismo, Professores Estrangeiros, Pós - Graduação, Serviço de Proteção aos Índios, São Paulo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade de Brasília, Universidade de São Paulo

Sumário

1ª entrevista:

Fita 1: os primeiros anos em Montes Claros; o ingresso na Faculdade de Medicina da UFMG e o interesse pelas ciências humanas; a transferência para a Escola de Sociologia e Política de São Paulo; o curso de ciências sociais: os professores estrangeiros; a militância comunista e a opção pela carreira científica; a influência positivista; o início da vida profissional como pesquisador do Serviço de Proteção aos Índios: as pesquisas etnológicas de campo em tribos indígenas e os trabalhos publicados; a incompatibilidade do entrevistado com a perspectiva antropológica da época; o contato com Anísio Teixeira e a colaboração na criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE); as pesquisas realizadas nessa instituição; a designação para organizar a UnB; a experiência como redator das mensagens presidenciais de Juscelino Kubitschek, em colaboração com Ciro dos Anjos.

2ª entrevista:

Fita 1 (continuação): a oposição inicial à criação de Brasília; Oscar Niemeyer e a arquitetura moderna a contribuição de Niemeyer para o sucesso do projeto de Brasília; a organização da UnB: a oposição de Israel Pinheiro, a comissão de planejamento, as divergências com Anísio Teixeira; as finalidades da nova universidade; a origem e as características da universidade brasileira; o modelo da UnB: a estrutura dos institutos centrais, as faculdades profissionais e os cursos pós-graduados; o auxílio da Fundação Ford à ciência brasileira.

Fita 2: a biblioteca de ciências da UnB: o auxílio da Fundação Ford; as novas instalações da Universidade do Brasil na ilha do Fundão; o projeto da UnB e seu impacto sobre a estrutura universitária brasileira; a gestão de Laerte Ramos de Carvalho na UnB; o projeto inicial da USP; as rivalidades entre essa universidade e a UnB; a proposta de dom Helder Câmara para a criação de uma universidade católica em Brasília e o apoio do papa João XXIII ao projeto da UnB; a criação do Instituto de Teologia Católica da UnB e a proposta de organização da Bíblia de Brasília; a extinção desse instituto em 1964; a aprovação do projeto de criação da UnB na Câmara e no Senado; a nomeação do entrevistado para a reitoria da UnB; o afastamento da Universidade em 1963 para assumir a chefia da Casa Civil do presidente João Goulart; a gestão de Zeferino Vaz na UnB; a crise de 1965 e a demissão em massa do corpo docente; a UnB após a crise; o plano orientador da UnB: a estrutura dos institutos centrais, a articulação da carreira docente com os graus acadêmicos; a adoção desse modelo pelas demais universidades brasileiras; os sistemas de ensino da UnB; o método Keller de ensino experimental; a natureza da atividade científica; a escolha das linhas de investigação pelos departamentos da Universidade.

1ª ENTREVISTA – 15/02/78

- T.F. – Normalmente, começamos as entrevistas perguntando como a pessoa entrou na carreira científica, como se fez a sua identificação como cientista, como isso repercutiu, quer dizer, como é que surge da sua formação inicial ginasiana. No seu caso, acho que, de qualquer maneira, convêm fazer essa pergunta. Como foi o seu contato com a ciência? Como é que o senhor começou a se identificar enquanto cientista?
- D.R. – Isto suporia uma entrevista sobre minha carreira científica, que é um negócio meio longo. Falei disso algumas vezes, mas não acho que seria interessante, porque vocês estão interessados – e eu acho que seria melhor falar disso – no meu papel institucional. Se eu começo com a minha carreira científica...
- T.F. – Mas de qualquer maneira, acho que este papel institucional surge a partir de uma identidade de cientista.
- D.R. – E com isso ele introduz os cientistas sociais no quadro?
- M.B. – Seria ótimo.
- D.R. – Você, como cientista social, o que você diria se fosse fazer entrevista?
- M.C.M. – Ficaria perplexa.
- D.R. – Como você começaria? Você diria o quê?
- M.C.M. – Acho que me recusaria à entrevista, de início. Mas hoje a vítima é você.
- D.R. – Então, eu tenho a palavra para meter brasa, não é? Sou mineiro, graças a Deus, e saí da minha cidade, uma cidade do interior, aos 17 anos, com a ignorância que corresponderia a um menino que tinha 17 anos em 1940, ou

39. Minha cidade é do interior de Minas. A ignorância era tão grande... Na minha casa tinha dois jornais: *Ave Maria*, um jornal que minha mãe assinava, e o jornal que ela recebia como professora primária, chamado *Minas Gerais*. No *Minas Gerais*, de vez em quando, surgia, na segunda página, algum artigo assim pretensamente cultural. Ali eu via falar de Goethe, por exemplo, no centenário de Goethe. Para obter uma idéia de como esse negócio era asnático – e de como eu estava fechado, e aquele mundo era fechado – durante muito tempo, durante quase todo o período da guerra espanhola, eu acompanhei-a pela *Ave Maria*, aquela revista pia, e eu não entendia porque os comunistas queriam comer as freiras. Era uma coisa louca. Eu tinha uma tia freira, e as freiras todas da Santa Casa e do colégio eram muito feias. E comunista era aquele que queria comer freiras. Então, é um negócio muito extravagante. Era preciso um grau de ignorância tremenda, para alguém pensar a guerra espanhola como comunista querendo comer freiras.

Só por acaso, o meu tio veio ao Rio de Janeiro e levou para Montes Claros uma revista *Pan*. Essa revista *Pan* teve uma importância enorme na minha vida. Ela me caiu na mão, e com essa revista eu aprendi espanhol e aprendi o mundo, ao mesmo tempo, porque era uma revista política que dava urra imagem do mundo. Então, a guerra espanhola estava explicada. Era uma guerra empolgante, e eu tomei posição e partido naquela guerra. Fiquei sabendo o mundo. Naquela ocasião, meu tio era um homem muito curioso, mas era um erudito mineiro, típico do interior. Um homem que lia livros de um tal Pietro Baldi, que era um espírita, sobre galáxias – galáxias do ponto de vista de um espírita que sabe galáxia pela mediunidade. Ao mesmo tempo, James Jim, um livro sobre Astronomia de um físico inglês. Então, era uma mistura louca e, ao mesmo tempo, ele era médico, e eu gostava de olhar os livros de Anatomia. Tinha olhado desde menino, procurando ver as partes do homem e da mulher.

Então, eu saio para Belo Horizonte com vocação literária. Eu queria ser intelectual. Meu tio era, já, um intelectual, mas um intelectual médico, numa

pequena cidade, com uma biblioteca grande. E eu aprendi com ele a ser um intelectual, no sentido de que eu não queria ser o que a gente comum era.

Mas queria ser médico, porque ele era médico. Fui para a Faculdade de Medicina. Lá tive o primeiro impacto. Fui fazer o pré-médico. O primeiro impacto: tive que reaprender a ciência toda. Não vou continuar nesse tom, porque isso leva horas. Vou saltando.

Estudei Medicina durante três anos, e durante três anos tomei bomba. Eu tomava bomba porque, simultaneamente com a faculdade de Medicina, eu estava descobrindo o mundo. Eu fazia dois cursos na Faculdade de Direito. O Orlando Carvalho dava um curso sobre estrutura do governo inglês. Isso em 1940 era importantíssimo. Então, fui ver estrutura do governo inglês. E havia um professor muito inteligente, o homem mais inteligente em Minas, naquela época, Carlos Campos, que dava um curso de Filosofia do Direito. Criada a Faculdade de Filosofia, comecei a frequentar o curso de História Medieval e alguns outros. E de vez em quando eu assistia conferências intelectuais do tipo mineiro.

Por exemplo, Frei Tosam, um dominicano que andou por lá, gordinho, e que era tratado como sábio. Havia aquele respeito pelo Frei Tosam. As pessoas iam assistir conferências dele sobre Tomás de Aquino. Eu me lembro de ver gente, colegas meus... Eu não tinha dinheiro para comprar, mas podia ter comprado, um livro com o resumo dos textos da *Suma Teológica*, com textos em latim, de um lado, e em francês, do outro, e nós todos acompanhávamos essas conferências – o frei lendo – com o dedo assim. Mas nenhum de nós sabia nem latim nem francês. Então, aí eu aprendi a ser cientista, aprendi a simulação científica, que dizer, isso de entrar na linguagem, fazer de conta, de cultivar atitudes de sábio. Então, o Frei Tosam teve a sua importância.

Nessa época, também escrevi um romance de 300 páginas. Então, evidente que era meio difícil ir adiante nessa faculdade de Medicina escrevendo um

romance, que existe ainda hoje, de 300 páginas, que eu mandei para um concurso do José Olympio aqui.

E descobrindo o mundo. Chega em Minas um cientista, um sociólogo... Primeiro chega Jean Desu, embaixador do Canadá no Brasil durante a guerra, que me deu uma bolsa para o Canadá. Me deu uma bolsa para Montreal. Eu devia ter ido para Montreal. Quando eu já estava disposto a ir para Montreal, chega lá um cientista, Donald Pierson, norte-americano, que me convida e me dá uma bolsa para estudar na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. E eu saí para São Paulo. Em São Paulo, eu iria descobrir várias coisas; em primeiro lugar, iria descobrir que a erudição mineira é uma enfermidade. É uma enfermidade da inteligência. É a inteligência que se come a si mesma, que se frui. Quer dizer, um mineiro lê os livros todos, sobre todas as coisas. Como os livros todos são inesgotáveis, a bibliografia de qualquer assunto é inesgotável, o mineiro pode continuar lendo a vida inteira. Então, ele sabe muito, mas sabe para nada. Esse saber infecundo, esse saber de fruição é erudição.

Então, em São Paulo, eu vim a aprender, ao tentar um outro saber, que não era simular ler a *Suma* de São Tomás de Aquino, que não era fazer de conta que conhecia Kant, que não era fazer de conta que conhecia Marx, mas que era tentar aprender alguns instrumentos para fazer investigação. Investigação burra. Eu aprendi também que a ciência é burríssima: que na ciência você não pode meter inteligência nem erudição, nem complicação. Ciência é burra, e trata com problemas bem definidos, burros. E o cientista, em geral, é fechado e burral. Eu aprendi a me comportar, a deixar que a imaginação atuasse só em momentos adequados, estratégicos, e comecei a aprender a atuar cientificamente.

Tive, depois, uma decepção grande. É que na Escola faziam uma espécie de teste psicológico, desses testes que usavam no exército norte-americano, adaptados ao Brasil, naturalmente. Era teste de inteligência, do quociente intelectual. E a Escola fazia isso como uma espécie de vestibular. Eu já era

bolsista, tinha vindo de Minas como bolsista. Cheguei lá... Eu podia entrar no segundo ano, mas o Pierson sugeriu que eu entrasse no primeiro. Voltei para o primeiro ano, mas bolsista, e me aplicaram o teste. No teste deu um grau de burrice total. Eu era muito burro, porque meu quociente intelectual era baixíssimo. E o Pierson ficou impressionadíssimo, porque ele tinha trazido de Minas um geniozinho, e o gênio era uma besta. E aquele mal-estar terrível! Se eu não tivesse couro duro, eu teria me suicidado ali. Quando ele me chamou e me mostrou o resultado do teste... Era deplorável, o meu desempenho era uma merda total.

O meu desempenho era assim... Explico agora, para vocês não pensarem que sou burro mesmo. Até hoje, tenho dificuldade de olhar dicionário, porque aprendi a ler meio rapidamente com a minha avó. Então, não sei o abc, e esse negócio de menerrepequê... É como se diz em Minas. Tenho que dizer menerrepequê, para saber qual é a posição do rê, senão eu não posso. Como é que eu vou procurar palavra com erre no dicionário? E como o teste era, em grande parte, para ver se a sequência de palavras, de letras, estava certa, se era direta ou invertida, isso era impossível para mim. Levei um tempo enorme para fazer um cálculo desses. Bom, essa é uma das experiências da minha chegada em São Paulo.

Em São Paulo, fiz um curso de ciências sociais global, num momento assim glorioso de São Paulo. A guerra tinha exportado o melhor para nós. Lá em São Paulo, estavam Lévi-Strauss, a maior figura da Antropologia de língua francesa e mesmo mundial; em segundo lugar, ao lado dele, estava o Radcliffe-Brown, um nome mais desconhecido mas tão importante quanto o Lévi-Strauss. E não é impossível que dentro de dez anos se fale mais de Radcliffe-Brown do que de Lévi-Strauss em Antropologia. Então, estavam os dois. O Radcliffe-Brown passou toda a guerra em São Paulo e o Lévi-Strauss estava lá ainda quando eu cheguei. Ia por lá frequentemente. Vários outros cientistas estavam lá. O Donald Pierson, de que eu falei, mais o Roger Bastide, o Arbusse Bastide. Havia o grupo todo de geógrafos

franceses, de historiadores, De Fontaine. Uma quantidade de gente de alta qualidade estava em São Paulo quando eu estudei.

Então, se pode dizer que São Paulo era um centro intelectual importante para as ciências humanas, o mais importante da América Latina. E era, fora da América do Norte, o lugar onde melhor se podia aprender a ciência que se cultivava nos Estados Unidos. Sociologia, basicamente. Mas havia uma abertura tal... Porque a ciência no Brasil também não estava diferenciada, naquele momento. Também havia brasileiros ilustres. Por exemplo, o Simonsen havia acabado de dar o curso de História Econômica. Então, a História Econômica que se lê hoje é a História Econômica que o Simonsen tinha dado lá. O assistente do Simonsen era o Alexandre Kafka, que se naturalizou brasileiro e representa o Brasil no FMI. Virou um super capitalista, um funcionário do capital mundial, mas é um homem altamente competente. Eu vi, por exemplo, as primeiras tentativas de se fazer índice de produto nacional bruto ou de renda *per capita*. Foram feitas pelo Kafka, para servir à Federação das Indústrias em São Paulo.

Então, lá eu podia me formar como economista, e alguns colegas meus foram para Economia. Podia ir para Psicologia, em dois ramos: Psicotécnica, ramo para que foram alguns colegas meus, porque nosso professor foi quem fundou a Psicotécnica e toda a orientação da Psicologia aplicada ao trabalho, em São Paulo; ou podia ir para a Psicanálise. Tem colegas minhas, por exemplo, que são psicanalistas aqui em São Paulo. Foram formadas na minha escola, como psicanalistas. E eu podia também ser sociólogo, como vários foram. Ou podia ser antropólogo. Então, o curso era de três anos. Depois do terceiro, no quarto ou no quinto ano, a pessoa tomava um caminho daqueles. Para ser psicanalista, fazia a sua análise didática; para ser antropólogo, sua pesquisa de campo; e assim por diante.

E eu fui formado naquela Escola, com aqueles professores de alta qualidade. Só tem um detalhe: nunca assisti aula de nenhum deles. Nunca vi Lévi-Strauss lá; nunca vi Radcliffe-Brown lá... E aqueles caras todos muito

importantes devem constar na minha bibliografia, devem constar para enfeitar, porque eu, realmente, nunca assisti nenhuma aula desses senhores. Suponho que o Radcliffe-Brown nem dava aula. Devia estar coçando o saco dele, chateado de estar vivendo em São Paulo e não no *fog* londrino. O fato é que esses caras eu nunca vi.

M.C.M. – Quer dizer que a sua formação, então, foi inteiramente autodidata?

D.R. – Não. Autodidata não. Minha formação foi muito boa, de uma escola muito boa, mas não é super-bona, porque a tendência do pessoal de São Paulo, e a minha tendência também, é dizer: “Minha escola, em que deu aula Fulano de Tal... Radcliffe-Brown estava lá”... Então, estou dizendo que era verdade, mas eu não vi.

M.C.M. – Eles não estavam. E quem estava?

D.R. – Estavam uns caras muito mais medíocres que eles, mas eram uns caras bons também. Em Antropologia, Emílio Willems, um alemão que depois foi para os Estados Unidos; Herbert Baldus foi quem me formou em Etnologia. Então, havia muita gente boa também, mas aqueles grandes nomes a que eu me referi, nomes mundiais, servem para enfeitar a biografia mas...

M.C.M. – Mas na prática eram esses outros aí.

D.R. – Era. E eram outros que eram bons. Essa escola era bastante boa. Mas quando eu me formei... Então, você perguntou como é que eu me sinto como cientista. Eu queria ser cientista porque tinha desistido de ser romancista. Eu tinha tentado fazer um romance, aquele romance que eu falei que escrevi lá em Minas. Não passou no concurso José Olympio e eu fiquei meio... Eu imaginava que iam me descobrir. Não me descobriram, eu fiquei com o rabo entre as pernas e decidi que ciência era um negócio gozado também. Ciências Sociais, Sociologia... O meu interesse era Sociologia, um pouco de Psicologia também.

Bom, então, na Escola, eu experimentei, mordi esses diferentes campos. Vi que eu podia fazer alguma coisa em qualquer deles e tentei tomar caminho. Mas naquele período em que eu tomei a decisão – 45, 46, 47 – a situação era a seguinte. Eu era um jovem estudante comunista. Meu interesse era fazer revolução. Então, quando eu me formei, no discurso de formatura, o diretor da Escola ficou muito impressionado, porque ele me chamou para ler. Tive que ler para ele o discurso, porque eu era comunista, e comunista tinha que ler, porque não era confiável. E eu li o discurso para ele, com um detalhe: li sem pontuação. E sem ponto, sem vírgula, sem nada, o discurso pareceu a ele burríssimo. Um discurso sem pontuação é uma merda. Quando eu li o discurso com pontuação, o discurso era outro. Não tive desonestidade nenhuma com ele. Só tirei, na leitura da censura, a pontuação. E o medo que eles tinham é de que eu convidasse – porque se dizia que eu era um orientador ideológico, político, da célula da Light – que eu convidasse para a escola do Simonsen, da Federação das Indústrias, a célula da Light.

Quando me formei, eu podia continuar a ser militante comunista, e realmente eu gostaria de ir para o Partido Comunista, não só como estudante, mas já como militante revolucionário. Era o que eu queria. Mas eu, particularmente, não tenho muito juízo, e eles viram que um louco como eu, lá dentro, ia quebrar a louça da casa. É claro que gostavam muito que eu fizesse *meeting* com eles – um estudante brilhante, falante como eu era – mas entrar no partidão mesmo, para mexer na máquina lá dentro, não. Então, os dirigentes comunistas chegaram à conclusão de que... A frase que eles me comunicaram é essa: “Hoje em dia nós contamos com grandes nomes, como Portinari, Caio Prado, Jorge Amado, Niemeyer, e se nós não cultivarmos agora, não vamos ter grandes pensadores intelectuais no futuro. Você está liberto, vai fazer sua carreira”.

Quer dizer, com isso eu me salvei de uma doidura também, que teria sido um mergulho na vida política que iria logo para a clandestinidade. Teria sido uma coisa terrível. E me liberei de uma forma ótima, porque não sou

renegado. Também não fui expulso, nem saí. Então, sou amigo dos comunistas, mas me livrei disso, que eu pensava que era a minha verdadeira vocação naquela altura. Se o Partido Comunista não tivesse juízo, eu não ia ser cientista coisa nenhuma, eu ia fazer a revolução brasileira.

Bom, esta é uma opção que foi posta de lado. A segunda opção é que eu devia escolher entre as coisas que eu fazia e as oportunidades. Uma era trabalhar com o Kafka e com o Simonsen, ganhando um salário altíssimo. Um colega meu de quarto foi e virou economista, Oto Francisco Leme, que hoje é assistente do Roberto Campos. O convite foi para mim, mas eu não quis e ele foi lá. O Simonsen queria jovens inteligentes, *brighth young man*, que fossem lá para fazer uma revista do SESI, que é uma revista anticomunista que se criou naquela época. Queriam intelectuais, mas dizendo: “Olha, façam artigo sobre a desvalorização do cruzeiro. Contra”. E aquele negócio não me atraiu muito, aquele tipo de atividade intelectual como assistente do Simonsen. Eu queria fazer Sociologia.

Vim aqui para o Rio tentando ver quem é que comprava um sociólogo. Não havia possibilidade nenhuma. Aqui encontrei como possibilidade de compra, quer dizer quem me admitisse, duas possibilidades. Com o Rodrigo da Melo Franco, com a equipe dele do Patrimônio. Lá estavam o Lúcio Costa, o Scarpo, o Carlos Drummond, e eu tinha contato, porque era mineiro. E o Rodrigo me disse que havia possibilidade de trabalhar no Patrimônio Histórico. Mas eu não tenho vocação nenhuma, nem interesse nenhum de mergulhar em História. Eu estava preparado para fazer pesquisa direta, e queria uma coisa sociológica.

Sociológica, não achei, mas já era a terceira viagem que eu tinha feito ao Rio, e nas duas primeiras viagens comecei uma outra paixão que eu tive na vida, que teve muita influência. Foi o seguinte. Quando vim ao Rio pela primeira vez, fiquei hospedado num hotel chamado Hotel Suíço – parece que é Hotel Suíço – aqui no Flamengo, no Russel, em frente ao fim da Praça Paris. Nesse Hotel Suíço, tinha um velho chamado Benoir, e o Benoir, no

primeiro dia que conversou comigo, ele me disse: “Olha, veja bem. Ali está aquela negra baiana com aquele tabuleiro na porta da igreja: isso é o fetichismo. Fetichismo! Aí está a igreja e a torre: isto é o monoteísmo. É uma religião já monoteísta. E você vê acima, está o pára-raios. É o Positivismo”. (Risos)

T.F. – Ah, que delícia!

D.R. – O cara me comprou com essa idéia. Era bonito, o mundo estava organizado. Eu fiquei encantado com esse negócio, e comecei, com ele, a frequentar o templo positivista. Você precisa ver! Está aqui na Rua Cândido Mendes. É uma das coisas melhores que há no mundo. Só há esse no mundo. É um templo positivista. Em lugar dos santos, estão Sócrates, Platão, os grandes pensadores. E todas as semanas, todos os dias, havia conferência com Horta Barbosa e outros. Faziam conferência sobre o santo do dia, que era o filósofo do dia no calendário. Um sobre Platão, um sobre La Play ou sobre o que fosse. E tinha também, para seguir a tradição católica, ou seguir as tensões declinantes do Comte... O Comte teve paixão pela Clotilde de Vaux no catecismo, ele termina, muito encantado, com umas cantadas para a Clotilde de Vaux. Então, aqui, a Clotilde de Vaux também tem um retrato dela, com jeito de Nossa Senhora, bem pintada, assim, para a gente adorar. Tem um culto que tem mulher também. Eu fiquei encantado com aquilo, porque eu estava querendo inventar uma religião e já encontrei uma religião inventada por Comte. Bem inventada, religião sociológica, ótima. Eu fiquei meio positivista, fiquei amigo dos positivistas.

Em função disso, quando vim procurar emprego aqui, foi fácil ter contato com o Rondon, que era positivista. Então, além do emprego de historiador, com o Rondon eu vi que podia ter um emprego como etnólogo, para estudar índio. Esse emprego era muito bom, porque não me cobravam nada. Era para estudar índio, para fazer o que eu quisesse, porque não tinha ninguém que estudasse índio no campo. Então, era para estudar índios. Tinha um sujeito dirigindo aquele negócio, que era um médico que queria tratar da

clínica dele aqui no Rio de Janeiro, e que ficava muito contente em que entrasse alguém que quisesse mexer com esses bugres lá no mato. E quanto mais tempo eu passasse no mato, melhor.

Voltei para São Paulo. Ainda tentei ser sociólogo, mas vi que não dava. Procurei o Baldus, que me apoiou também. Eu tinha feito os cursos e os seminários do Baldus, e fui fazer Etnologia Indígena. Fui fazer a coisa que eu menos queria. Nunca pensei que fosse ser etnólogo, estudar índio. Eu queria fazer estudo, Ciência Social, no sentido de desenvolver a capacidade de observação e de leitura na realidade social, queria fazer de mim um instrumento de saber, mas queria fazer isto sobre a sociedade nacional. Bom, mas o emprego foi aquele, e por acaso, então, é que resultou que eu fui ser antropólogo, e antropólogo dentro do escaninho que é a Etnologia, e, dentro desse, no escaninho que é Etnologia Indígena.

Bom, começa aí a minha carreira científica, profissional. É muito importante assinalar aqui que o cargo era chamado de naturalista, porque o equivalente eram os botânicos, eram os zoólogos, que andavam pela Amazônia. Eu ia ser uma espécie de botânico de índio. O naturalista que ia estudar os índios, que não se sabia bem o quê que era. E aí fui o primeiro brasileiro que se dedicou profissionalmente à pesquisa científica de Etnologia. Hoje, o núcleo de pessoas que trabalham nisso é muito grande, mas fui eu o primeiro que foi contratado, realmente, para fazer isso, para fazer pesquisa de campo, sem outra obrigação. Eu não tinha nem obrigação de dar orientação ao Serviço de Proteção aos Índios, nem eles pensavam, positivistas que eram, que um menino recém-formado pudesse dar alguma coisa. A ciência tinha um certo prestígio e eles estavam dispostos a dar um dinheirinho para a Ciência, para alguém fazer ciência. E foi o que eu comecei a fazer.

Na realidade, quando fui para a tribo, com a tribo é que eu aprendi, a ser etnólogo. A primeira tribo que eu fui estudar, os Kajueu, um grupo Waikuru de Mato Grosso... No convívio com eles é que aprendi a ser etnólogo, aprendi a observá-los. Tomei alguns cuidados assim por esperteza, por

malícia. Por exemplo, fiz um estudo rápido de três outras tribos antes de chegar lá, para eu ter um ponto de comparação, para não ver os meus índios como os primeiros que se vê. Isso me ajudou depois. O certo é que sempre fui muito obsessivo, e quando comecei a fazer Etnologia Indígena, fiquei nisso durante dez anos quase.

Normalmente, um antropólogo faz uma pesquisa de campo, que raramente chega a ser de quatro ou seis meses. E não volta mais ao campo. Com essa pesquisa faz seu mestrado, seu doutorado, vive a vida inteira e se considera uma espécie de membro heráldico daquela tribo, que ele nunca mais vai ver. Eu estudei não uma, mas várias tribos. Fiz expedições que iam de cinco a 11 meses. Expedições de até 11 meses com grupos indígenas.

No fundo, fiz tudo isso porque eu curti para burro esse negócio. Era ótimo. Os meus amigos diziam: “Não vai para o mato, isso é um suicídio. Você é um *bright young man*”. Sempre com essa idéia de que eu sou um sujeito brilhante. “Você pode fazer carreira onde você quiser, porque isso é um suicídio!” Eu dizia: “Suicídio é eu estar no Rio de Janeiro ou em São Paulo”. Embora houvesse um certo perigo. Por exemplo, do grupo dos naturalistas de todas as ciências – zoólogos, botânicos, ecólogos etc. –, que seriam uns dez naquele tempo, três morreram. Três dos meus companheiros morreram, e morreram em corredeiras, tolos os três. Então, o perigo não era, realmente, febre, nem onça, nem isso, mas corredeira na Amazônia, que é um negócio que mata, mata muito índio, consome muita gente, e consumiu cientistas numa proporção muito grande, na minha geração.

Bom, passei anos, então, curtindo aquilo. A medida em que eu curti, fui me refazendo também. Primeiro, me fiz como cientista, e alcancei o êxito internacional com artigos que eu publiquei em vários países. Por exemplo, um de 47, que é uma espécie de aritmética, ou álgebra da Antropologia sobre sistema de parentesco, e que eu achava muito ruim. Durante anos, achei que era muito ruim. Agora, estou desconfiado de que era bom, porque

acaba de ser traduzido e republicado nos Estados Unidos. Então, deve ser bom.

Ou seja, a ciência tem certos padrões. Se você faz a coisa mais ou menos como a família científica gosta, aquele negócio é adotado. E naquele artigo eu faço exatamente o que eles gostariam que eu fizesse. E nos outros artigos que fiz também. Era demonstrar, com material brasileiro, como as teses do seu Dr. Fulano, seu professor Fulano eram corretas. Então, ilustrava com um copioso material brasileiro, local, teses alheias. Fazia um trabalho de reiteração de pensamento alheio. Muito mais tarde é que verifiquei que esse negócio é coisa de... Como é que chama? Cavalo de Santo. Na Bahia, no Candomblé, Cavalo de Santo é a Mãe de Santo, o Pai de Santo que recebe um espírito. Dentro dele tem o cavalo. Cientista no Brasil é Cavalo de Santo, quer dizer, a função dele é receber o espírito lá do Freud, do Lévi-Strauss ou de um outro qualquer e realizar a sua carreirinha falando muito, citando muito aquele cara, ilustrando as teses daquele cara com material local. Então, são todos Cavalos de Santo.

E nos outros campos científicos também. São Cavalos de Santo. Quer dizer, ninguém, ou quase ninguém, tem a capacidade de tomar o material que tem diante de si e tentar uma interpretação a partir do material. Nem de questionar o material, nem de tomar a temática. Por exemplo, se você pega um campo como Oftalmologia. É muito fácil encontrar sujeitos ótimos, formados na Inglaterra, na Alemanha, que conhecem a doença mais rara sobre olho. São capazes de curar aquela coisa mais extravagante. Sobre aquilo que pode ocorrer um caso em um milhão, eles são capazes de dar uma notícia pormenorizada. Mas eles não sabem, nem querem saber, e odeiam quem sabe, quantos cegos há no Brasil; por que há cegueira no Brasil; como é que se cura tracoma; se há um jeito melhor de cuidar de tracoma do que suco de cacto, de mandacaru. E eles odeiam qualquer coisa dessas. Ou seja, o ser nacional, a problemática nacional está para eles na medida em que fora ela entra em moda. Se ela entra em moda lá fora, eles tomam de repente aquele negócio, e passam a trabalhar nele.

Bom, então, tem aí mais ou menos o ciclo de como eu me formei, de como eu me fiz cientista e de como eu me desfiz como cientista. Desfazer, para mim, é aquele momento em que deixo de realizar pesquisas como chupim de índio, como gigolô de índio, e passo a estudar a temática que interessava ao índio. Quer dizer, o índio começa a me interessar como gente, como ser humano, como destino. E eu, então, desenvolvi toda uma Antropologia, que mais tarde muita gente passou a fazer também era que a ênfase fundamental é o destino dos índios, o que está sucedendo com eles.

Desde que a perspectiva era essa, todas as outras coisas ficaram claras, pois só depois de ver dessa perspectiva, de ver o índio como destino, como gente que sofria, que vivia, que tinha dor, e não só que era exótica, só depois disso é que eu percebi a coisa. Por exemplo, percebi a estupidez dos meus colegas todos, e a minha também, de tentar, numa tribo, ler, pela conduta dela, sua cultura, descrever sua cultura, como um botânico descreve uma planta. Estupidez, porque se você estuda agora a família indígena Bororó, por exemplo, você estuda a família nas condições em que você estudaria a família alemã em Berlim, em 1945. Quer dizer, com aquelas bombas caindo, naquela coisa da guerra perdida, no desespero em que estava. Aquele era o pior momento, a pior condição para estudar a família alemã. Então, quem estudar a família alemã naquela condição está fazendo uma estupidez total.

O antropólogo estava, ingenuamente, fazendo essa estupidez. Estudando, sem reconhecer a circunstância, o modo, o que está sucedendo com as populações indígenas. Ele estava tentando reconstituir uma coisa de que aqueles índios não são representativos, porque o problema real, que é o destino dos índios, o que está sucedendo com eles, o impacto da civilização, não estava no horizonte de interesse deles, porque não estava ainda no horizonte internacional.

Bom, eu reverto assim a minha posição. Revertendo a posição, cheguei a entrar numa incompatibilidade que era meio insanável. Como se diz: para

que são os índios? Porque eu passei a ser: um questionador e acusador. Eu tentava ser a voz indígena acusando. E as tensões foram tão grandes, que a uma certa altura eu saí.

Saí para um outro lado de sedução intelectual. Sedução intelectual é sério. Vocês sabem de mulheres que seduzem homens, não é? Homens que seduzem as mulheres, que são uns sacanas. Mas homem seduz homem também, não no sentido de frescura. Homem seduz homem no sentido do outro intelectual.

E eu fui seduzido totalmente por um cara chamado Anísio Teixeira. Era um pequenininho. O homem mais inteligente que eu já vi. E o Anísio meio me detestava. Falavam de mim com ele e ele dizia: “Esse cara mexe com índios”. Como quem diz: “Doutor de merda! Doutor de índio”. O Anísio não me dava a menor bola, e eu também achava o Anísio meio chato. Um dia, fui fazer uma conferência, a pedido de um antropólogo norte-americano. Fui fazer uma conferência para um grupo de que o Anísio era o principal. Então, decidi falar de uma tribo, da organização social dessa tribo. E eu comecei a falar da organização social. Então, de repente, o Anísio começou... Ele olhava para mim e dizia: “São uns gregos. Uns gregos”. E eu continuava falando. E ele dizia: “Gregos, gregos”. E eu falava. “Gregos, são uns gregos”.

Então, o Anísio ficou comovidíssimo, porque aquilo era melhor do que Esparta, porra. Sabe que Esparta era ótimo. Então, através dos gregos, o Anísio entendeu os índios, e através dos gregos, eu, índio, entendi o Anísio. Foi o começo de uma ligação. Com intelectual, só assim. É uma sedução. Digamos, uma mulher seduz um homem com coisas matreiras, que vocês saberão. O homem seduz a mulher com coisas matreiras também. Intelectual não é coisa matreira, são doiduras como essa. Era preciso uma intermediação de Esparta para que pudesse funcionar a minha coisa com o Anísio.

Em função disso, começo uma outra carreira, que é me aproximar do Anísio. Eu já tinha organizado, nessa época, o Museu do Índio para o Rio de Janeiro. Tinha organizado aqui os primeiros cursos de pós-graduação em ciências sociais, para formação de antropólogos e de sociólogos, no Museu do Índio. Passei tudo isso para o CBPE, que eu ajudei a organizar com o Anísio, e que era um grande centro de estudos educacionais. Era aqui na Voluntários da Pátria. Na Voluntários da Pátria, comecei a estudar a sociedade nacional e a estudar a problemática da educação. Aí foi feito o programa de pesquisas mais importante realizado no Brasil. Quer dizer, foram feitas pesquisas que, se publicadas totalmente, dariam 32 livros. Chegaram a ser publicados, eu creio, 12 livros, em que os principais cientistas sociais brasileiros participaram. Tanto pesquisa de reconstituição histórica, quanto pesquisa de observação direta, para dar um painel da sociedade brasileira. E vários estudos de campo também.

T.F. – Isso foi quando?

D.R. – 1954, 55, 56. Então, comecei a me aproximar da temática da educação. Com a temática da educação, comecei a me interessar mais por ciência e a conviver também com um grupo de cientistas físicos, de cientistas biológicos e outros, preocupados com o problema de educação e universidade. Logo depois, Juscelino vai para a presidência e se decide criar Brasília. E, era função de Brasília, sou encarregado de organizar a Universidade de Brasília, por um decreto do Juscelino.

T.F. – Eu gostaria de fazer uma pergunta. Anísio Teixeira, CRPE, a sua indicação para a Universidade, como é que isso está encaixado, com um pouco mais de detalhes?

D.R. – Eminelidades no meio. As eminelidades são o Chefe da Casa Civil do Juscelino, o Vitor Nunes Leal, que era da Faculdade de Filosofia, onde era professor, então, de Etnologia. E era mineiro. Tem importância ser mineiro, no caso. Era importante, porque era meu colega na Faculdade de Filosofia e

meu amigo. E o Subchefe da Casa Civil para Cultura e Educação, o Ciro dos Anjos, que é da minha cidade. A minha família fala mal da família do Ciro, e a família do Ciro fala mal da minha família.

Da família do Ciro, eu tenho que contar para vocês uma história ótima, que é a seguinte. Quem fundou a família do Ciro foi um homem que fundou a dentadura no Brasil, a dentadura postiça. Você já imaginou o quê que é, na minha cidade, uma cidade de gente séria, chegar um sujeito com a boca cheia de dentes, um sujeito de 50 anos? Não faltava nenhum. Nunca ninguém tinha visto uma porra dessas. Todo mundo banguela, chega um sujeito com uma bocona cheia de dentes. Uma loucura! Esse sujeito comprou um negócio no mercado e ficava deitado em cima do balcão. Ficava deitado e os caboclos chegavam, todo mundo chegava e dizia: “Seu Fulano, tem ilhós?” Ele fazia com a mão assim. Se ele encentrasse o ilhós, ele vendia, se não encontrasse: “Não tem não”. Mas ninguém saía. Ficavam todos na porta da loja, porque de meia em meia hora ele tirava a dentadura assim e passava na rapadura assim: “Croc, croc, croc”. E tornava a pôr na boca. (Risos).

Então, esse cara é que fundou a família do Ciro dos Anjos. Se bem que o Ciro dos Anjos não seja peça, não é flor que se cheire. É gente meio extravagante. E o Ciro dos Anjos é um escritor excelente, escreve muito bem, mas o Ciro dos Anjos é a prova de bala contra idéia. Idéia não entra nele nem à bala. E eu sou o contrário. Não escrevo bem mas tenho idéia pacas! Me sobra idéia por cada poro. Então, a gente tinha que fazer a mensagem presidencial. Eu injetava as idéias e o Ciro dava a forma. Então, as minhas idéias mais a forma do Ciro deram uma coisa muito bonita no governo do Juscelino, que qualquer dia vai espantar os historiadores, que é o seguinte. O governo do Juscelino fez Brasília, essas coisas bonitas todas, mas evidentemente deixou apodrecer o resto, os Ministérios. A tática do Juscelino foi deixar os Ministérios, inclusive o da Educação, apodrecerem e pôr todo o dinheiro que ele podia no Programa de Metas, para fazer fora da administração alguma coisa.

A administração brasileira é um negócio tão terrível, não é por corrupto – meio o corrupto também – mas tão vagabundo! Cada deputado, senador ou ministro colocou gente lá. Então, é uma acumulação de ineficiências e aquele troço não funciona. Juscelino, para fazer alguma coisa, fez fora da máquina da administração, fez o Programa de Metas. Mas quem ler um dia as mensagens presidenciais do Juscelino, vai ver que os Ministérios foram muito bem, porque os discursos sobre o que fez o da Educação são ótimos, sobre o que fez o da Saúde são ótimos. Gente inteligente como o Mário Magalhães, por exemplo... Vocês precisam entrevistar o Mário Magalhães. O Mário Magalhães ajudava a escrever. Chamei o Mário para escrever a política de saúde que deveria ser. Não a que o Juscelino fazia, mas a que deveria ser, e era sobre essa que nós escrevíamos as mensagens presidenciais.

Então, foi um exercício que eu fiz durante muito tempo, que era pôr palavras na boca do poderoso. Se você fazia um discurso que o Juscelino lesse, você tinha orgasmo naquele dia. O Juscelino lendo o seu discurso dava a impressão que ia mudar tudo. Depois, você vê que o Juscelino lia com a mesma irresponsabilidade com que você escrevia. Ninguém tem responsabilidade com as coisas. Era palavreado. Nisso é que eu sou incumbido e, nesse ambiente, é que eu começo a projetar a Universidade de Brasília. Mas eu estou falando há quanto tempo?

T.F. – Uns 45 minutos.

D.R. – Então, vamos fazer o seguinte. Agora eu estou cansado, a gente pára. Porque Brasília é uma história longa. Eu tenho que terminar um trabalho. Pensei que com vocês fosse só uma conversa sobre a técnica de investigação. Depois a gente faz uma conversa sobre os outros aspectos: o papel de Brasília, o papel institucional, política científica. Tudo isso a gente pode falar depois.

T.F. – Perfeito.

FINAL DA 1ª ENTREVISTA

FITA INTERROMPIDA NESTE PONTO

2ª ENTREVISTA – 22.02.78

D.R. – Bom, temos que falar. Eu não estou com muita tesão para falar não, mas vou tentar colocar Brasília.

Estamos no Rio de Janeiro, 1954 ou 1955. Juscelino. Falei um pouco do trabalho com o Juscelino que eu comecei a fazer, em função da mensagem presidencial. Conversei um pouco sobre isso. Vitor Nunes e Ciro dos Anjos. Em função disto, colocou-se a questão da criação de Brasília. Em primeiro lugar, é preciso deixar assinalado o seguinte: sobre toda essa coisa, eu teria que conversar com outras pessoas que participaram disto. O ideal era pegar alguns livros, algumas publicações da época, para ter umas idéias, para me refrescar a memória. Estou tirando de dentro de mim, e o meu forte não é a memória. Assim, pode haver deformação e, provavelmente, vão haver buracos de informação. Mas, tomando o tema. A minha primeira reação com respeito à Brasília foi, de certa forma, negativa. Juscelino começou, com certa discrição, a falar em Brasília e na possibilidade de ele tomar o projeto de Brasília. Você sabe que o projeto de Brasília vem de 1823. Depois, a Constituição de 1891 falou disso, mas ninguém teve peito, ousadia, tesão para enfrentar um negócio desse tamanho, que era Brasília. Juscelino começou a falar disso. Eu me lembro que, nessa ocasião, fui entrevistado pela televisão sobre os planos do presidente e sobre Brasília. Como a minha entrevista na televisão teve muita repercussão, fui outras vezes à televisão, e falei, também, para algum jornal sobre isso. Foi bom, porque isso me deu um acesso ao Juscelino, que ficou querendo conversar comigo. Ele sabia de mim, mas ficou querendo conversar, me convencer de que eu não tinha razão.

A idéia que eu defendi, então, foi de que Brasília era uma bobagem, e de que não se devia fazer Brasília coisa nenhuma, porque construir uma cidade qualquer lá no nato não ia mudar grandemente as coisas. E eu propunha que, ao invés de Brasília, se retomassem os planos do Couto Magalhães. Planos de metade do século passado, quando se fez a navegação do Rio Araguaia. E

esses planos, colocados em linguagem moderna, eram muito mais razoáveis do que Brasília.

Podiam-se resumir na idéia de criar uma segunda costa brasileira. Naquele momento – e ainda hoje – se sabia que 70% da população brasileira vivia ao longo da costa. Se você traça uma linha a 100 km de distância da costa, aí estava, e está ainda, 70% da população brasileira. E o Brasil continua como caranguejo colonial, a arranhar na costa. A ocupação do interior é muito rala. Então, a idéia era criar uma segunda costa brasileira. E é perfeitamente possível criar essa costa, vinculando Belém do Pará, em cima, a Buenos Aires, em baixo. Esta costa seria a conexão do Rio Tocantins, que vai do centro de Belém do Pará, conectando o Rio Tocantins com o Rio Araguaia. E conectando os dois rios com um canal, talvez de 300 km, com o Rio Grande, que é fronteira entre Minas e São Paulo. Através dele, descendo pelo Rio Paraná e, através do Rio Paraná, descendo – aí é evidente – até Buenos Aires. Isso permitiria, também, com algumas elevações para melhorar a navegação, uma outra linha paralela de canais, que iria pela fronteira com a Bolívia até o Amazonas pelo Guaporé. Seria possível ligar, lá por cima, o Rio Madeira e chegar ao Rio Amazonas.

Pois bem. A idéia básica que eu defendia era de que nessa linha fluvial Belém-Buenos Aires, onde se fariam, inclusive, obras de contenção, para permitir essa comunicação fluvial, se deveriam desapropriar 100 km de cada lado das terras, que praticamente não tinham valor nenhum – eram terras desocupadas, na maior parte da extensão – para fazer uma grande reforma agrária aí, abrindo um oeste, tipo oeste norte-americano, dos filmes de Far West. Abrindo alguma coisa dessas, era possível localizar uma população em propriedades que tivessem entre 10 e 100 hectares, para criar uma outra costa brasileira.

Eu concordo, eu vejo hoje, vi logo depois, que esse plano era muito mais razoável, era muito mais racional do que o plano de Brasília. Ele teria dado

uma coisa muito mais bonita do que o plano de Brasília de ocupação. Agora, o que acontece é que ele era inviável, porque tinha em vista expandir a pequena propriedade ou a propriedade mediana, e não expandir o latifúndio, que é o que corresponde à classe dominante brasileira, e às posturas e interesse delas. Que correspondiam então, e correspondem até hoje. Por outro lado, o que eu não tinha percebido é que Brasília seria o instrumento para fazer isso.

Num determinado momento, concordei com o Juscelino em que o ato político devia ser criar Brasília, porque para isso havia um grande apoio nacional. Quer dizer, o apoio que dava São Paulo, pelo sentimento anti-Rio, ou o Rio Grande do Sul, porque se sentia longe do Centro de poder. Ou o Nordeste, porque se sentia competitivo com o Rio, também, ou a Amazônia, Todo o Brasil apoiou, incrivelmente, o projeto de Brasília. Então, o projeto de Brasília era um projeto viável, factível nas condições políticas brasileiras. Projeto que, logo em seguida, eu vi, apavorado, que tinha um apoio tão grande que iria adiante mesmo, e que era preciso apoiar, inclusive porque se tratava, já agora, de uma coisa mais séria. É que Brasília podia ter sido um fiasco tremendo.

Vejam só. Uma das coisas que salvou Brasília foi a qualidade artística de Brasília. Brasília é herdeira da cultura Rio, no sentido mais alto da cultura do Rio de Janeiro. Foram precisos séculos de acumulação cultural para que o Rio parisse Lúcio Costa e Oscar Niemayer, sobretudo Oscar Niemayer. Felizmente, o Brasil tinha parido também um sujeito como o Juscelino Kubitschek que é, como eu, dos netos do Capanema. Capanema é um quadro reacionário brasileiro, horroroso, antipático, com uma porção de qualidades negativas como educador, meio atrasado, mas é um homem com uma visão cultural das mais claras e ilustres do mundo. Capanema fez o primeiro edifício de arte moderna do mundo, que é o Edifício do Ministério da Educação. Edifício desenhado por Le Corbusier e que foi a primeira obra de que Oscar Niemayer participou, junto com Lúcio Costa. Foi projeção do Oscar Niemayer.

É claro que o fato de o Juscelino ter feito Pampulha, como Brasília... A Arquitetura moderna no mundo nasce realmente com Pampulha. É em Pampulha que Oscar estabelece as linhas da Arquitetura não funcional e que sai da bobagem do Le Corbusier – Le Corbusier da casa máquina, do funcionalismo, essas tolices todas – e afirma uma Arquitetura que era boa pela forma, que a função da casa é ser bela, não é outra coisa. Ninguém sabe como é que uma casa vai ser usada daqui a dez, 20 ou 100 anos. Então, ninguém tem que acompanhar o programinha da imbecil da dona-de-casa que quer um banheiro assim ou assado, o arquiteto tem que fazer uma casa bonita, bela, e depois tocar para rodar. A Arquitetura mudou com Oscar, com a coragem de fazer coisas belas, plásticas, e com a imensa qualidade dele.

Tanto que eu acho – digo de brincadeira, mas no fundo penso isso – que o Oscar é o homem mais importante do mundo moderno. O Oscar é importante no nosso tempo, como foi Da Vinci. E eu suponho que aí pelo ano 2500, 3000, não se saberá de ninguém do nosso tempo. Nem de Getúlio. Vargas vai-se lembrar, mas todo o mundo vai saber do Oscar Niemayer, e é possível até que o estilo arquitetônico do nosso tempo venha a se chamar, por exemplo, Oscárigo. Assim como há Barroco, há Gótico, haverá o Oscárigo, que é o estilo de Brasília. O que eu quero assinalar com isso é que o Oscar salvou Brasília, porque...

E Juscelino se aproximou do Oscar por influência do Capanema, retomando o que eu dizia antes. O Capanema foi quem sugeriu ao Juscelino, dizendo que tinha um arquiteto fazendo o projeto de um cassino que ele queria construir na Pampulha, que o Juscelino ia construir na Pampulha. O Benedito tinha dado uma sugestão de um arquiteto qualquer, um imbecil de um arquiteto mineiro. Foi o Capanema que disse: “Não, chame o Oscar, para fazer uma coisa nova”. E com isso surge a Arquitetura moderna. É o mesmo Juscelino que, para efeito de Brasília, comete esse ato de coragem, que é fazer a Pampulha, inclusive fazendo uma igreja... Você calcula

Juscelino, atrasado, mineiro de Diamantina, mas com essa dimensão que Capanema tinha. Então, esse Juscelino é capaz de fazer uma igreja – a igreja de São Francisco – que a igreja católica levou 30 anos para benzer, porque a igreja é estapafúrdia demais.

Hoje se reconhece que é a igreja que teve a excelência mundial das artes. É uma das coisas espantosas da história da cultura. A igreja foi capaz de produzir o Aleijadinho, a igreja católica foi capaz de produzir todos os templos bonitos que tem o Brasil, que tem o mundo. Toda a boa pintura, toda a boa música estava dentro da igreja. De repente, a qualidade caiu ao nível de merda, e a igreja passou a fazer essas igrejas, esses templos horrorosos. Nesse tempo todo de decadência, uma das coisas belas é a igreja da Pampulha, que hoje é um clássico do mundo.

Pois bem, Juscelino teve a coragem, a ousadia de fazer um templo que a própria igreja recusou durante anos, o templozinho da Pampulha. Quando se fez Brasília, se contava com o Oscar para dar a dignidade, para dar a beleza, que é o que salvou Brasília. Eu vi, por exemplo, em 1964... Eu estive com Juscelino em Paris, almocei com ele umas duas vezes, e eu me lembro de ver, em Paris, quando eu entrava com Juscelino num restaurante: “Pss, pss”. Era um restaurante que ele ia muitas vezes, se sabia talvez quem era, por isso. Mas o fato é que Paris não reverencia muita gente não, e o Juscelino, ao entrar no restaurante, muitas vezes as pessoas levantavam-se: “*Monsieur le President*”. As pessoas presentes ali faziam uma pequena inclinação. Essa inclinação não era para o Juscelino, menino de Diamantina, não era para o coronel médico da polícia mineira, era para o homem que tinha feito Brasília. Brasília foi uma marca no mundo. É por isso é que eu creio que o Oscar vai estar no futuro com uma cadeira cativa, não na eternidade digamos, mas num tempo muito vasto, em que toda a gente de nosso tempo estará esquecida.

Agora, o que eu estou tentando, recuperar na minha memória, com essa idéia, é o seguinte: Dutra podia ter feito Brasília. Brasília foi um êxito

político tão grande, havia tanto apoio potencial para fazer Brasília, que o imbecil co Dutra podia ter feito Brasília. E vocês imaginem o que seria Brasília com aquele estilo do Ministério do trabalho, Ministério da Fazenda. Seria uma merda total: (Risos) Então, quase que ocorreu isso no Brasil, esse desastre, com uma Brasília de merda, com aqueles edifícios idiotas do Ministério da Fazenda.

Então, felizmente para nós, era isso. E em determinado momento, era importante, já que o Juscelino ia fazer Brasília com o Oscar, com o Lúcio. Era preciso tomar isso e levar a frente. Abandonei aquela idéia minha de oposição e comecei a participar muito intimamente, com o grupo. Então, desde o princípio, eu era, digamos, fã, pelo menos, torcedor do projeto de Brasília, depois de ter oposto alguma restrição. É a relação, também, com o Juscelino, a quem eu podia, às vezes, fazer chegar uma idéia ou outra. E trabalhando naquilo que eu dizia antes, que era a redação das mensagens presidenciais. Em função disso é que, num determinado momento, começou um debate sobre a criação de uma Universidade em Brasília. O projeto Lúcio, quando foi vitorioso... Verificou-se no projeto Lúcio que estava marcado um lugar no plano urbanístico, para uma Universidade. E nós já tínhamos levado adiante uma discussão sobre que universidade fazer em Brasília.

Bem, aí começa uma polêmica muito grande, porque o Israel Pinheiro – Israel é pensamento engenheiril. Engenheiro é o sujeito mais burro do mundo. São seres proibidos de serem inteligentes, proibidos de serem generosos, porque na obra eles estão contra o operário. Engenheiro é contra operário. Então, são reacionários, burros e brutos. Gozam, assim, de pôr para baixo o trabalhador. E a mania matemática, a mania da precisão leva a uma deformação tal, que eles têm vergonha assim do que é artístico, de preocupação formal.

Então, a expressão melhor do “pensamento engenheiril” é Belo Horizonte, por exemplo, a cidade de Israel Pinheiro, onde ele nasceu, onde a família

dele viveu sempre. É a cidade mais burra do mundo. Eu acho que em Belo Horizonte deviam fazer um monumento muito grande ao teodolito. Fazer um teodolito tão grande, multiplicado por três mil, um teodolitão, porque é a cidade do teodolito. Os engenheiros, com um teodolito na mão, meteram a cidade no chão, sem reconhecer o terreno. Terreno de merda. Não interessava que tivesse montanha aqui, vale ali, eles foram fazendo aquelas retas diretas assim. É uma cidade impossível, porque pegaram a retícula com o teodolito e meteram em cima da morraria de Belo Horizonte. É o xadrez mais louco do mundo, aquela retícula de Belo Horizonte. É quase impossível para andar de carro lá, tal a loucura que é, porque é a cidade que não conhece o território. E não conhecendo, o território está se vingando dos habitantes todo o tempo. Em qualquer lugar do mundo, a rua seria curva, para acompanhar a linha de nível de um morro. Em Belo Horizonte não, o teodolito, trá, passa por cima. É a cidade da reta.

T.F. – É uma cidade positivista, não é?

D.R. – Positivista, burra. E Israel Pinheiro é aquela mentalidade. Teodolito, Belo Horizonte, brutalidade patronal. O que é eficiente como chefe de canteiro de obras. Mas Israel, com essa mentalidade, dizia que em Brasília não podia ter universidade, porque universidade era agitação. E havia duas coisas que Brasília não podia ter. Brasília tinha que ser a capital de um país tranqüilo, da ordem e progresso, da tranqüilidade, e para isso duas coisas tinham que ser proibidas de existir em Brasília, que era operário e estudante. Dois seres deletérios, que não deviam existir no mundo e, se existissem, pelo menos que existissem fora de Brasília, longe de Brasília. Então, ele não queria nem operário nem estudante. Operário, estava-se usando os candangos ali, matando, se fosse possível, no trabalho. Mas os que sobrassem, ele mandaria embora rapidamente, depressa, para não criar núcleo operário, para não fazer agitação. E era importantíssimo não ter estudantes.

Ele conseguiu influenciar muito o Juscelino, no sentido de que deixasse a universidade para depois, ou não fizesse universidade. E o Juscelino não

queria universidade. Num determinado momento, as discussões foram tais... Eu creio que, por influência do Vitor Nunes, que disse que um dos pais da pátria da América do Norte, o Jefferson, mandou colocar no túmulo dele que o que ele fez de importante no mundo foi criar a Universidade de Virgínia, não que foi presidente dos Estados Unidos e que fez a Constituição dos Estados Unidos, mas que foi o fundador da Universidade de Virgínia. Esse e outros argumentos fizeram com que Juscelino decidisse que não podia dar uma de Israel e que devia fazer a Universidade de Brasília.

Aí o Juscelino me encarrega de fazer a Universidade de Brasília, de projetar a Universidade de Brasília, por decreto. Então, surgiu um decreto em que o Juscelino nomeava a mim, como chefe de uma comissão de estudo para a criação da Universidade da Brasília. E nomeava, como membros da comissão, Ciro dos Anjos – que é da minha cidade, era vice-chefe da Casa Civil, escritor, amigo meu – e Oscar Niemayer. Nós três é que estávamos na comissão de planejamento da Universidade de Brasília. E eu comecei, então, a projetar uma universidade para Brasília.

Aí, nesse trabalho, cheguei a me aproximar de uma centena de pessoas. Dessa centena havia, evidentemente, uma dezena de pessoas mais próximas de mim, mais importantes. Estou até com medo de citar os nomes, por causa das precedências. Há tantas brigas para saber quem era o pai da criança, em cada um dos setores de Brasília, que eu fico com receio. Mas o importante é que comecei a articular um grupo de pessoas e a trabalhar com esse grupo de pessoas. Começa, então, uma das coisas que eu considero como a aventura espiritual mais bonita, mais generosa da intelectualidade brasileira, que era formular o projeto. O projeto mais ambicioso da intelectualidade brasileira. Um projeto de repassar, passar a limpo a cultura do mundo, passar a limpo o saber, passar a limpo a ciência, passar a limpo a erudição. E tentar definir o quê que a erudição, o saber, a ciência podiam dar para nós. Então, Brasília foi uma tentativa radical de repensar a universidade, esta instituição velha, vetusta, de mil e tantos anos, essa vaca importantíssima. Todo mundo olha para ela com cuidado. Era preciso repensar a vaca. O

repensamento tinha bases. Por exemplo, tinha o Anísio, que tinha repensado a universidade mundial, na primeira tentativa de fazer no Brasil uma universidade séria, que foi o projeto dele da Universidade do Distrito Federal. E o Anísio estava junto de mim naquilo. Eu trabalhava com o Anísio, era vice-diretor do INEP, o órgão de pesquisa do Ministério de Educação. E o Anísio estava muito próximo de mim. Eu conhecia e discutia com ele o projeto da Universidade do Distrito Federal, Agora, com o Anísio começou logo... A rinha aproximação... O Anísio é dessas pessoas pelas quais eu ire encantei na vida.

Então, começou logo, com ele, um trabalho muito fecundo, muito interfecundante mas com uma oposição capital. É que o Anísio se fixou muito na idéia de que em Brasília o que se devia fazer era um instituto de pós-graduação e não uma universidade comum. Seria uma universidade só para pós-graduação. E eu, desde o princípio, me fixei no ponto de vista de que não podia ser isso, porque, inclusive, a pós-graduação nunca se deve fazer onde não fazem a graduação. Porque o subproduto da pós-graduação é que o pessoal da pós-graduação pode ajudar nos cursos básicos de graduação. Não tinha sentido separar as duas coisas, mesmo porque, se nós estávamos lutando para que o ensino em nível universitário se fizesse onde se pesquisa – ora, só se pesquisa onde se dá pós-graduação – então, seria um contra senso separar essas duas coisas. O meu pensamento era oposto ao do Anísio.

E havia uma outra coisa também. É que o Anísio sempre disse de mim que eu sou insciente. O Anísio dizia: “O Darcy é eficiente”. Com eficiente ele queria dizer ignorante. Quer dizer, eu tinha a liberdade do eficiente, do ignorante, porque, como eu não sabia nada, eu ousava. O Alísio era o ciente. Ele tinha as limitações do ciente. Quem é ciente sabe de tudo, porra, está amarrado ao que sabe, não pode inventar mais nada. Então, o Anísio, como conhecia os mil anos de tradição universitária mundial, em detalhe, para cada coisa que eu pensava fazer, ele dizia: “Ah, em tal lugar fizeram assim e não deu certo. Tal outro...” O Anísio, coitadinho, estava todo amarrado. Não pedia sair da ciência dele, e era preciso um eficiente, um irresponsável para

repensar a universidade com a radicalidade que nós repensamos. Porque a tendência, no caso do Anísio, era puxar para, por exemplo, o modelo norte-americano de tal coisa, ou o modelo inglês, ou a experiência na polêmica francesa tal, enquanto que nós tínhamos aqui que tentar pensar, em primeiro plano, o país que era, com vistas ao país que poderia ser, que deveria ser, e pedir a universidade que se ajeitasse, à senhora vaca – a universidade – para servir a esse país no trânsito do que era ao que devia ser.

Algo que tinha de comum entre eu e o Anísio – sempre tivemos e, no caso da universidade, também – e as outras pessoas todas de quem eu me aproximei e chamei para ajudar a pensar a universidade é que o que caracterizava a todos nós era sermos descontentes. É que nenhum de nós estava contente com a universidade como era. Quer dizer, não havia o perigo de que o Calmom desse palpite no meu grupo, porque o Calmom estava contente com a universidade que era. Estava fazendo essa burrada irresponsável e louca que é o Fundão, a universidade mais burra do mundo. Então, é evidente, se esse pessoal desse algum palpite, estava tudo liquidado. E os contentes, os satisfeitos com a universidade – Moniz Aragão, Calmon, esse pessoal vetusto todo – estava isolado, e não podiam nem dar palpite no negócio, porque eram os satisfeitos, os contentes. E eu só chamava a mim, e ao meu grupo, os descontentes. Os que queriam a universidade para ser o que deveria ser, e não para reproduzir a universidade que era, que era aqui ou é em qualquer lugar do mundo.

Bom, foram feitas várias comissões. Há publicações aí... Eu criei várias comissões para a organização dos institutos da Universidade, e a idéia inicial era criar os institutos de Matemática, Física, Química separados. Matemática, Física, Química, Ciências Biológicas, Letras, Artes... A própria idéia dos institutos foi muito aprofundada em Brasília, como estrutura. Não quero fazer agora comentários sobre isso. Escrevi na ocasião, é fácil ver os textos. Mas o importante é o seguinte... Estou recordando de improviso. Em essência, o que se tratava em Brasília... Depois falo da estrutura da

universidade, vou falar primeiro do problema de quê diversidade deveria ser.

A primeira análise que tentei fazer é sobre a universidade que devia ser. No caso de Brasília, para quê uma universidade em Brasília? Então, eu tinha uma idéia muito clara. Eu tinha participado, com o Anísio, do planejamento do ensino primário e médio para Brasília, que nós planejamos naquele período em que o Juscelino não queria que se projetasse universidade. O primário e médio foram pensados para serem de alta qualidade, para que pudessem ser multiplicados pelo país um dia. E começamos a projetar o superior.

Quando comecei a projetar o superior, eu já tinha uma certa clareza sobre a função da universidade de Brasília. Essa função era dar um conteúdo cultural a Brasília. Brasília, herdeira da cultura Rio, como eu disse, foi capaz de projetar-se a si mesma, ou foi projetada pela cultura Rio. Como é que Brasília seria capaz de se multiplicar a si mesma? O quê é que daria a Brasília a capacidade, amanhã, de tomar a iniciativa do tamanho dela própria, com respeito ao país? O quê é que daria a Brasília o que é mais importante: a capacidade de conviver com os outros centros culturais e atender as necessidades deles – da cultura Rio, da de São Paulo, da do Rio Grande –, atender aos outros centros culturais e ao esforço que o Brasil estava fazendo para dominar a ciência e pôr a ciência a seu serviço? O quê é que podia...? Quem é que, em Brasília, ia substituir essa assessoria vastíssima, que um governo tem numa cidade velha e ilustre como o Rio de Janeiro?

Aqui, os três poderes, o Executivo – cada ministro, cada técnico, cada diretor de departamento –, o Legislativo, o Judiciário podem, pelo telefone, chamar dezenas de pessoas que são especialistas em todos os campos do saber. Com dois ou três dias, se descobre, no Rio de Janeiro, quem sabe qualquer coisa que você quer que seja sabida. Sabe e domina isso num nível bom. Mas como é que isso ia acontecer num pasto de Goiás? Lá não se

podia ligar para as vacas para perguntar a opinião das vacas sobre qualquer problema complexo de Zootecnia. Lá se estaria na carência. Então, a Universidade devia cumprir uma outra função, que era ser o super-órgão de assessoria ao poder, sem ser servil ao poder, sem ser um corpo de assessores, de empregados do estado, mas mantendo sua autonomia como instituição cultural, que é requisito para que ela pudesse pensar e repensar o mundo com autonomia. Ela devia ser o grande órgão assessor.

E, além disso, a Universidade devia ser aquele órgão que devia dar espírito a Brasília. Essa parte do espírito, da criatividade, é a parte mais complicada. Desde o princípio eu sabia que nós não tínhamos solução. Ao fim, quando terminamos de fazer o projeto, eu não tinha dúvida nenhuma. Já sabia que seria capaz de produzir quantos matemáticos, físicos, químicos eu quisesse; que isso ia ser um negócio multiplicável. Médicos, engenheiros, tudo isso e multiplicável e fácil. Se você me pede 40 matemáticos, ou 40 mil matemáticos, eu sei como montar uma linha de produção e produzo, e bastante bons. Quer dizer, bens no nível doutoral. Mas se você pede um Portinari, um Aleijadinho, um Oscar Niemeyer, eu não sei, ninguém sabe fazer. Então, esse salto cultural, esse espírito – criar aquilo que seja capaz de dar a criatividade – isso é um mistério, a gente não sabe.

Por exemplo, em Minas Gerais, num certo momento, se deu mistério. De repente, ali, num período de um século, ou num período concentrado de meio século, uma concentração urbana, que é a de Ouro Preto, Mariana, São João Del Rei, naquela área ali, de repente surge uma criatividade incrível no plano literário, no plano musical, no plano arquitetônico, no plano escultórico, no plano pictórico. Surge e floresce. Como é que essa florzinha da cultura pegou, não se sabe. E não se pode... Estudando aquilo, eu tentei, várias vezes, saber como é fácil florescer. Não se sabe.

Mas no plano técnico, pelo menos, nós podíamos fazer e podíamos criar um ambiente que não fosse hostil ao espírito, hostil à criatividade. E não sendo hostil, havendo uma certa abertura, havia uma certa chance de que pintores,

escultores, pensadores, se sentissem bem lá, pudessem desejar viver em Brasília, viver no Planalto. E se vivessem ali, poderiam, eventualmente, se multiplicar, por um caminho misterioso, que eu não saberia qual é – e nem sei qual é –, da multiplicação cultural.

Então, a Universidade, ambiciosa assim, não podia ser alcançada com a transposição da universidade burral que nós tínhamos, da universidade napoleônica. A nossa universidade nasce da anti-universidade. Napoleão, depois da Revolução Francesa, realizando a revolução cultural burguesa, o que faz é liquidar a universidade. E precisava liquidar. A coisa mais avançada do tempo de Napoleão foi liquidar a universidade. A universidade estava de tal forma dominada por um princípio reacionário, que era a Teologia, que era preciso expulsar a Teologia da universidade. E como os catedráticos se multiplicam a si mesmos há uma continuidade tenebrosa aí, a única forma era cortar o cordão umbilical, era proibir de se multiplicarem. Então, Napoleão acabou com a universidade, fez as grandes escolas: Medicina, Politécnica. Escola Normal e outras. Fez os grandes núcleos, cada um deles voltado para um campo profissional. Formar professor primário, professor secundário, formar médico, formar advogado etc. Mas as grandes escolas profissionais foram proibidas de usar o nome de universidade, reitor, para acabar com aquela continuidade medieval, para quebrar a linha, medieval e começar a linha que foi a linha da cultura burguesa.

O Brasil, que começa a organizar a universidade de então... Dada a burrice portuguesa, a partir de 1550, atites de 50 ... Na América Latina, os espanhóis criaram várias universidades, no México, na Guatemala, no Peru. Criaram universidades por aí tudo. Mas no Brasil não se criou nenhuma. O português não deixava criar, praticamente, nem escola primária – havia poucas escolas, primárias – muito menos universidade. A primeira escola superior brasileira foi criada depois de 1808, depois que a Corte chuçou aqui. Então, é aí por 1820 que se implantam realmente cursos, um corpo de cursos superiores, com escolas de Medicina, de Direito e Escolas Militares –

que viriam a ser de Engenharia. Criam-se escolas que já permitiriam aglutiná-las numa universidade. Mas o Brasil adotou o ponto de vista napoleônico de que a universidade não servia, influenciado também pelo Positivismo que prevaleceu no Brasil. E isso impediu que se criasse a universidade.

E, de fato, elas só foram criadas, nominalmente, depois de 1930. A primeira universidade criada no Brasil, foi a do Brasil, que é uma anedota gozadíssima. Criou-se a Universidade do Brasil, por decreto, porque aqui vinha um reizinho europeu – o Leopoldo da Bélgica – e era preciso dar o título de *Doutor Honoris Causa* ao cara, porque era da tradição. Então, para dar o título a ele, se criou, por decreto, a Universidade – que ninguém organizou – só para dar o título ao rei. O rei foi embora e largaram aquele negócio. Em Minas, em 27, criaram uma universidade já mais séria, com patrimônio, e organizada como autarquia, ou como fundação, capaz de se auto-gerir. Foram se criando outras, nas nós não tínhamos tradição propriamente universitária, porque a universidade era um conglomerado de escolas autárquicas.

A universidade no Brasil eu comparava – e ainda é comparável – com um sistema de tubos – tubos sem contato um com o outro. Você entra na boca do tubo de Direito, fica seis anos, sai advogado, é expelido advogado. O outro é um tubo de Medicina, sai médico. Então, se você, no meio, quiser passar de um tubo para outro, você tem que sair e entrar no tubo outra vez, porque não tem comunicação entre os tubos. Então, é uma universidade de tubos isolados, e cada tubo reproduzindo tudo o que têm os outros. Por exemplo, na Medicina havia um esforço muito grande em Biologia, Biologia Médica, mas isso não podia beneficiar a Filosofia, porque os cursos da Biologia na Filosofia tinham que reproduzir tudo. A mesma coisa a Matemática de Engenharia. Era uma Matemática de nível mais ou menos alto, ainda que fosse uma Matemática ruim, porque era adjetivada, Matemática para engenheiro. A Matemática propriamente não era cultivada,

e se tentava fazer uma outra Matemática, a partir do zero, nas faculdades de Filosofia.

Então, as escolas eram autárquicas, auto-suficientes e duplicativas. E todas essas escolas superiores brasileiras, apelidadas de universidade, estavam sob um domínio tremendo, que era a ditadura do catedrático. Era um poder feudal, um poder de propriedade sobre um campo do saber que o sujeito raramente tinha conquistado por concurso, e sim de alguma outra forma. E depois de conquistar a menina bonitinha, ele a bolinava; ele punha como assistente o rapaz dócil; ele promovia o seu sucessor. Se havia um sistema dinástico monástico, este era o do catedrático, que se reproduziu nas universidades brasileiras.

O outro aspecto terrível da universidade brasileira, e, em geral, das universidades do mundo subdesenvolvido, é que eram universidades, também, ancilares. Cada núcleo de excelência estava vinculado a um núcleo estrangeiro. Você podia ter uma Bioquímica muito boa aqui, porque estava vinculada a tal núcleo de Bioquímica na Alemanha ou na Inglaterra. Então, era um ancilo, era um escravo que trabalhava aqui com a temática que era mandada de lá. Mas era uma Bioquímica louca. Como é que você podia ter uma Bioquímica boa num lugar que não tinha Biologia nem Química? Numa universidade que não tinha nem Biologia nem Química, essa Bioquímica surgia como uma flor solta no espaço, que só podia se explicar, porque era um transplante de fora. E sendo um transplante, era incapaz de ver a problemática interna, e de se interessar pelo que acontecia, realmente, no país.

Então, essa era uma universidade capaz de formar o profissional vagabundinho, o engenheiro comum, para fazer casa de gente rica ou ponte; médico para tratar da saúde de gente rica; advogado para tratar de problema de quem tem bens. Mas o povão não tinha nada com a universidade, e a universidade não olhava para ele. A universidade chegava a se interessar por saúde, tinha o hospital de clínicas que treinava as pessoas que iam tratar,

depois, dos bonitos. Tinha um setor para treinar futuros dentistas, mas os dentistas iam tratar da dor de dente de gente que vale a pena, não desse povão brasileiro; que até hoje está com dor de dente e mostra uma grande capacidade de suportá-la.

Então, a universidade não tinha nada com a população, não era capaz, nem que ela quisesse, de se interessar pela problemática da população. Por exemplo, nunca se interessou pela problemática da educação. A educação que aqui está voltada realmente para o povo, a educação primária, nunca teve sua problemática incorporada à universidade, como a problemática da enfermidade – através do hospital, de clínicas – se incorporou.

Então, era uma universidade fechada em si – e com vínculos externos – capaz de formar quadros serviçais. Serviçais que, uma vez formados, se equilibravam muito bem. Os meninos, enquanto estudantes, aprendiam a morder estrategicamente. Aprendiam a morder aqui e ali, onde fosse adequado. Eram treinados pelo sistema, mas quanto mais agressivos e mordedores eles fossem como estudantes tanto mais possibilidades tinham, depois, de ser vereadores, deputados ou senadores. Essa era a universidade que existia, e ainda é a universidade, em grande parte, que existe aí.

Evidentemente, verifiquei que, transplantar essa coisa para Brasília, não valia à pena. Era preciso repensar a universidade e fazer outra. Esse repensamento da universidade colocava uma questão muito séria, que era de como criar uma universidade que pudesse cumprir aquelas funções todas às quais me referi. Aquelas várias funções que uma universidade, numa capital nova, colocada num deserto de Goiás, pudesse cumprir. Funções de assessoria, de centro cultural, de criatividade etc.

Mas que também devia fazer uma outra coisa. Essa universidade devia dar ao Brasil, pela primeira vez, a oportunidade de alcançar um nível de excelência em todos os campos do saber. Aqui não se tratava de ter uma Bioquímica boa por acaso, ou de ter por acaso uma Topologia boa. Aqui se

tratava de que todos os campos do saber pudessem ser cultivados, o que teria efeito interfecundante, porque se você tivesse uma Matemática boa ao lado de uma Física boa e de uma Química boa, era mais provável que surgissem quadros capazes de usar o pensamento científico para tratar da problemática nacional, do que naquele pensamento ancilar de formação de técnico auxiliar de segundo nível que nós preparávamos no Brasil.

Então, a universidade devia ser capaz de dominar o saber científico, de colocar esse saber científico no estudo da problemática nacional. E para ser isto, ela tinha que ser articulada de forma que pudesse ser um grande centro de estudos de investigação científica e de formação de pessoal de nível superior. Então, não era abandonar a coisa do Anísio, que queria uma universidade de pós-graduação. Era meter a universidade de pós-graduação integrada com a universidade de graduação.

Na procura disso e que nós chegamos à solução para Brasília. Foi a criação dos institutos centrais, os primeiros que se criaram no mundo e que tiveram muita repercussão. Ainda hoje, no mundo inteiro, se discute o modelo Brasília, que é o modelo instituto central, diferente do *under graduate study* dos norte-americanos, que se realiza num nível, assim, digamos, quase pós-colegial, de dar cursos genéricos para muita gente. Os cursos todos de Matemática dando num só lugar etc. Em Brasília era diferente, porque não se tratava só do princípio da não duplicação, de que Matemática se ensina num só lugar. Agora se tratava de outro princípio, que era muito importante. A Matemática se ensina onde se faz Matemática, onde se pesquisa Matemática. Então, nesse caso, o instituto Central tinha que ser concebido como órgão capaz de trabalhar em três níveis: trabalhar no nível básico, dando aqueles cursos de Matemática para quem quer que seja que precisasse de Matemática; no nível formativo, podia escolher, entre milhares que tomaram o curso de Matemática, aqueles que, pelo talento, fossem capazes de fazer cursos de Matemática, para dar a eles um curso formativo; e no nível de pós-graduação, tomando os que tivessem a formação básica e dar a eles a pós-graduação Matemática num nível de mestrado e num nível de

doutoramento. E utilizando o pessoal de mestrado e doutoramento para o ensino básico. Quer dizer, revertendo esse pessoal para as atividades de ensino básico e de ensino formativo.

Isso mudava todo o quadro brasileiro. Antes, o quê que havia? Uns louquinhos, não débeis mentais, mas metidos a geniozinhos que, aos 18 anos, decidiam ser matemáticos, astronautas, astrônomos ou físicos, e entravam para um curso do qual não tinham informação nenhuma. Como a universidade só aceitava que eles entrassem depois do vestibular, eles tinham que entrar já vendendo sua alma. Só por doidura é que 20 meninos entravam em São Paulo dizendo que queriam ser matemáticos, ou 30 meninos entravam aqui, porque tinham feito uma matematicazinha de ginásio mais ou menos boa, ou porque gostavam de fazer conta.

Isso era totalmente diferente do que se queria implantar em Brasília, que era um instituto de Matemática que desse curso de Matemática para 2000 estudantes que precisassem. Sobre esses 2000, o instituto é que escolheria: “Você serve para mim. Fica aqui para ser matemático, porque vi que você serve para isso. E eu te sugiro ser matemático”. E esse, depois, teria os cursos de pós-graduação. Então, a estrutura da universidade já era pensada como uma estrutura diversa da estrutura de faculdades autônomas, autárquicas e duplicativas.

O Instituto funcionava em três níveis e foi pensado para cumprir aquelas funções de que eu falei: dar cursos de nível básico, nível formativo e nível de pós-graduação. Portanto, a Universidade de Brasília foi a primeira que começou, no Brasil e no mundo, a funcionar no primeiro ano com curso de graduação e de pós-graduação. Quando nós selecionamos os professores de Brasília... Uma das coisas bonitas da implantação é que eu andei pelo país inteiro conversando com gente, para encontrar gente boa, e levamos para lá 80 jovens bons – formados nos dois ou três anos anteriores – para fazer mestrado. Então, a universidade começou com o programa de mestrado para 80 e tantos instrutores. E o número de alunos que entrou nesse ano foram

500, me parece. Os professores de mais alto padrão, eu chamava de pastores.

Por exemplo, eu chamei o André Gunther Frank, um homem com pensamento autônomo, independente, capaz. Trouxe ele do México. Era um homem com doutorado em Antropologia e em Economia. Teve muita influência no pensamento latino-americano, fez uma crítica muito severa a uma quantidade de pensadores latino-americanos, o pensamento cepalino etc. E, no Brasil, deu contribuição muito importante. Então, o Frank, por exemplo, veio como pastor, e as ovelhas dele eram o Teotônio, o Maini... O Simon devia ter ido para lá, naquela época, não sei se chegou a ir. Então, há uma quantidade de gente que foi nesse espírito de levar uma pessoa capaz de orientar o mestrado e o doutorado, e gente capaz de fazer o mestrado, gente de talento, para que, em conjunto, se incumbissem também dos cursos básicos e dos cursos formativos.

Agora, dada essa estrutura, a universidade contava com institutos centrais, e a parte dos institutos centrais contaria com faculdades profissionais. Isso era muito importante, porque desobrigando as faculdades profissionais de tratar da matéria científica formativa básica... Por exemplo, o pré-médico não se fazia na Medicina, se fazia no Instituto de Biologia. Nesse caso, a Medicina podia tratar mais o problema propriamente médico, se desobrigando de gastar energias no pré-médico. A mesma coisa, as engenharias libertadas da obrigação de ensinar Matemática, Física e Química, podiam tratar melhor do propriamente engenheiril. Então, essa Engenharia podia se desdobrar em 20 e tantos departamentos, que cobrissem os campos básicos dessas engenharias. Cada um dos setores foi pensado assim.

Então, a universidade tinha um corpo de institutos centrais que foi implantado no princípio. Quando esse corpo já tivesse dois anos é que ele teria estudantes para, no terceiro ano, entrar para as faculdades. As faculdades, portanto, foram instaladas mais tarde. Além de institutos centrais e facilidades, contaria com um corpo de seções complementares.

Uma biblioteca, que foi uma das preocupações iniciais. Brasília nasce com uma biblioteca de 120 mil volumes, que alcança rapidamente – eu ainda estava aí – 200 e tantos mil volumes.

Por exemplo, uma das coisas importantes como política científica feita foi proibir a Ford Foundation de continuar fazendo a putaria que fazia na ciência brasileira. A Ford Foundation, até Brasília... Antes, concordo que o programa melhor que eles fizeram na America Latina foi o que fizeram comigo, na Universidade de Brasília. Mas o que eles faziam era dar uma gorjetinha a cada cientista brasileiro, para que ele contratasse assistentes. Essa complementação de salários, que o Conselho de Pesquisas passou a fazer, que a FINEP faz um pouco, também, através de vários órgãos, quem fazia era a Ford, que patrocinava o professor tal, dando um dinheirinho a ele para comprar um aparelho ou para complementação de salários. E esse professor virava uma ancila, porque a Ford o vinculava a um professor estrangeiro, principalmente norte-americano – podia ser inglês também – e ele trabalhava no laboratório daquele professor, que vinha aqui de vez em quando. E o pessoal dele trabalhava vinculado aos centros de fora. Não é que a Ford quisesse colonizar o Brasil através disso, o que eles concebiam como o modo de ajudar a ciência brasileira...

FINAL DA FITA 1 – B

D.R. – Em Brasília, desde o princípio, proibimos a Ford Foundation, ou qualquer organização, de tratar diretamente com o professor. Quer dizer, qualquer financiamento, externo ou interno, de outros órgãos, devia ser tratado pela reitoria da Universidade, não podia ser tratado por um professor empreendedor que fosse buscar o dinheirinho aqui e ali, porque isso deforma as instituições. Mas eu fiz com a Ford Foundation um programa de imensa importância, que foi obter deles uma ajuda que, no final, foi de mais de dois milhões de dólares, para comprar uma biblioteca básica de ciências, de 150 mil volumes.

Mas era uma biblioteca estratégica. Para cada ciência, tinha as obras fundamentais publicadas depois de 1950 e, em alguns campos, desde depois da guerra. Então, de fato, o que nós obtivemos, foram os 10 mil livros de Física que se publicaram depois da guerra; os 10 mil livros de Química; os 10, 20 ou 30 mil livros de Biologia de depois da guerra; e as revistas científicas principais. Então, a Ford ajudou a comprar esse acervo de obras científicas fundamentais. A fazer a lista, comprar e catalogar essas obras. E ainda a implantar a biblioteca. Implantar em computadora, que foi o sistema que deixamos lá. Computadora que permitia a um pesquisador pedir uma bibliografia sobre determinado tema, e a computadora, de imediato, dar escrita e ele a bibliografia que ela encontrava na biblioteca sobre aquele tema.

Brasília deve ter, ainda hoje, a melhor biblioteca científica brasileira. Não é a mais numerosa, mas é, sem dúvida, a melhor. E era requisito para que aquela Universidade pudesse cumprir o seu programa ambicioso, que ela tivesse uma biblioteca da dimensão que ela teve, com essa qualidade. E a Ford, nesse sentido, deu uma contribuição ponderável para que o Brasil se tornasse independente da forma única que é possível, que é tendo os instrumentos de trabalho básicos de ciência, que são livros. Então, além da biblioteca, estava previsto para a Universidade de Brasília contar com uma rádio cultural, com uma TV cultural, com o estádio, que era um centro de formação de educação física. E vários outros órgãos culturais estavam pensados. Isto dá uma idéia do modo de implantação que foi pensado para a Universidade de Brasília.

Mas eu tenho que voltar atrás, para relatar alguns aspectos da condução política disso. Enquanto nós estávamos projetando o que seria a Universidade de Brasília – e já publicando os estudos feitos pelo grupo de ciências físicas, pelo grupo de ciências biológicas, pelo grupo de ciências médicas, enfim, os planos da Universidade –, enquanto nós estávamos fazendo isso, se travava uma batalha muito grande, não só porque o

planejamento da Universidade de Brasília foi o ato mais severo de repensar a Universidade brasileira...

Por exemplo, para mim ficou evidente que uma das coisas mais irresponsáveis da história da educação do mundo foi a doidura do Fundão, nas dimensões em que se fez o Fundão. Tendo que fazer Brasília, fui procurar e verifiquei que Le Corbisier e Lúcio Costa, sobretudo o Lúcio Costa, tinham feito um plano para a Universidade do Brasil, pensada para 15 ou 20 mil estudantes. Seria ali mais ou menos no fundo do Maracanã, onde está a Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E o plano do Lúcio Costa era um plano magnífico e arquitetonicamente muito bonito. Isso foi abandonado, porque começou a loucura catedrática, a irresponsabilidade e a incompetência catedrática brasileira. O Calmon mandando na Universidade, com o tipo de coisa que o Calmon podia fazer...

Eles começaram a pedir em cada faculdade, a cada professor, que ele indicasse o que queria. Então, primeiro tomaram a decisão de ir fazer o terreno para a universidade, que era o Fundão. Não tinham muita idéia de universidade, e então colocaram cada prédio a um quilômetro de distância do outro. Agora que os prédios estão feitos, se pode sentir a distância infinita que há lá, e a loucura que é aquela coisa abandonada. Agora, a doidura maior – que eu digo que é a maior irresponsabilidade universitária do mundo – é a construção do Hospital de Clínicas. O Hospital de Clínicas tem mais de 150 mil metros, o que significa que ele é o maior edifício do Brasil. Só o Hospital de Clínicas comporta todos os alunos da Universidade do Brasil, ou Federal do Rio de Janeiro – que era a Nacional, antes. Dá para pôr todos os estudantes no padrão que os ingleses pedem para as universidades novas. Seria um hospital para dois ou três mil leitos, com 10 mil funcionários. É uma doidura completa, porque nunca ninguém pensou nisso. No prédio da Escola de Arquitetura, pode-se pôr todos os cursos de Arquitetura da América Latina dentro dele. Pode pôr toda a Engenharia dentro da Arquitetura. O edifício é de tal dimensão, as áreas disponíveis são tão loucas...

Isso porque perguntaram, a cada idiota de catedrático, quanto espaço ele queria, e esse catedrático, para mostrar a sua importância em relação ao outro, pedia um campo de futebol. E construíam. E foram fazendo. A área da escola de Engenharia de Maquinas é um prédio que tem uns 150m, com o equivalente a cinco andares, sem andar. É um negócio para pôr qualquer máquina. A máquina mais alta do mundo, que ainda não foi inventada, pode ser posta lá. Quer dizer, é a coisa mais burra do mundo, também.

Então, aquela universidade é amostra do que não pode ser feito, ou do que é feito num país de gente incompetente. Universidade incapaz, e de gente irresponsável. Cada um deles pedindo metros quadrados a arquitetos, não boçais, mas medíocres, deslumbrados. Abandonam o plano do Lúcio Costa e começam a fazer essa super-universidade, o que dá naquela loucura, que há 40 anos está sendo construída, que absorveu um dinheiro tremendo, que dava para fazer universidade para o país inteiro, e que ainda hoje não está feita e nem é praticável. É uma completa doidura. Então, Brasília era o oposto disso, era fazer uma universidade contida, capaz, com números responsáveis.

Bom, nós estávamos em que projetar a Universidade de Brasília implicava numa crítica severa à universidade brasileira. Porque você só pode criticar a universidade se você toma um padrão estrangeiro e compara. Mas, em geral, o universitário não sabe nada de universidade. O universitário vai para uma universidade qualquer estudar a Bioquímica dele, ou para estudar cárie dentária, ou estudar uma bobagem qualquer. E ele estuda a cárie dentária e não se lembrar nem da cara do edifício em que ele entrou; ele nem procura detalhes sobre como é a biblioteca. Ele terá alguma informação muito vaga. Ele vai para comer aquele pastozinho que dão a ele para comer em determinada hora. Ele come aquele pasto, como um burro, e volta aqui sentindo-se alimentado. Mas ele não é capaz de criticar, a partir da visão dele, a universidade daqui, porque ele nunca viu a universidade de lá. E a

daqui também nunca viu, porque ele trabalha dentro de um tubo, numa conexão do tubo.

Então, a Universidade de Brasília teve um efeito tremendo sobre o Brasil, porque ela apresentou uma tábua de valores, uma tábua de contraste. Uma universidade que podia ser uma universidade adequada para o Brasil, para dominar o saber, para cultivar o saber e para aplicar o saber. Colocando isto em pauta, se podia ver a loucura que eram as outras universidades. O entusiasmo que a Universidade de Brasília provocou nos meios intelectuais brasileiros que estavam descontentes foi tremendo. E, ao mesmo tempo, ela representou uma crítica severíssima à gente contente. Então, surgiram atitudes, desde as bobocas atitudes da Universidade de São Paulo que, com ciúmes, tinha falado mal de Brasília...

Aí há um episódio muito gozado. Fui uma vez a São Paulo para fazer uma conferência a quatro mãos, ou a duas bocas, com o Júlio de Mesquita Filho, que era o diretor do *Estado de São Paulo* e que hoje tem o nome na Universidade de São Paulo. O Júlio de Mesquita Filho foi uma espécie de patrocinador da USP. E ele, embora fosse um tipo, assim, com um certo interesse cultural, era uma espécie de ditador, também, da vida universitária.

O *Estado de São Paulo* ajudou, apoiou, mas também exigiu muita coisa. Por exemplo, ele chegou a fazer a maravilha de colocar o aio dos filhos dele, o professor de repetição de curso primário, que era um débil mental, chamado Laerte Ramos, na universidade de São Paulo. E esse Laerte, porque era aio da família Júlio de Mesquita quando nós caímos em Brasília; quando saiu o Zeferino Vaz, que era um homem competente – é que foi chamado para enterrar a Universidade de Brasília. Esse homem foi quem quebrou a louça, quem liquidou os professores, quem expulsou 200 e tantos professores da Universidade de Brasília. Foi esse imbecil, que era aio dos Mesquita.

Então, estive com o Júlio de Mesquita para fazer uma conferência, e o Júlio Mesquita trouxe a conferência escrita no bolso, e ficou meio constrangido,

porque a conferenciazinha dele era para dizer como o Armando de Salles Oliveira tinha criado a Universidade de São Paulo e a maravilha que era a Universidade de São Paulo. E eu falaria da maravilha que era a Universidade que eu estava fazendo em Brasília. Aí, eu, ao invés de falar disso, comecei a contar a história da Universidade de São Paulo, dizendo que o Armando de Salles Oliveira e o grupo Júlio de Mesquita podiam ter tido uma grande influência, mas não tiveram porque foram vencidos pelas grandes escolas. Eles quiseram, como Anísio Teixeira, fazer uma universidade integrada, mas as grandes escolas jamais admitiram que seus alunos passassem pela Faculdade de Filosofia para fazer o curso de Matemática ou qualquer outra coisa. Exigiram manter as faculdades autárquicas. Então o Armando de Salles nunca pôde fazer, e a Universidade de São Paulo, a USP, é a Universidade do Ademar de Barros.

Ele ficou com a cara no chão, porque não pôde ler o discurso dele. Fez só algumas observações, porque, realmente, estava sem discurso. E, de certa forma, era verdade o que eu dizia, que Brasília retomava, não a idéia do Armando de Salles, mas o espírito que informou aquilo, que era criar uma universidade integrada. A Universidade de Brasília, ao ser proposta, provocou ciúmes em São Paulo – que era a melhor atitude, ainda. Ciúme competitivo, bom. Essa emulação que ocorre entre as instituições científicas, que é uma coisa grata, boa. Mas provocou irritação, ciúme, raiva, em quantos catedráticos imbecis e ruins havia nesse país, porque nós afirmávamos que íamos acabar com o cátedra vitalícia e, em nome da liberdade da docência, eles queriam continuar com a cátedra. Esses ficaram muito contentes, quando os professores que estavam fazendo Brasília foram demitidos. Não queriam segurança para professor nenhum, queriam segurança para eles continuarem desservindo a educação brasileira. Então, Brasília foi um passar a limpo, foi uma proposta que mexeu a fundo, até a raiz, com a universidade brasileira.

E, num determinado momento, ocorre um desastre, do meu ponto de vista. Isto deve ter ocorrido em 60, princípio de 60. O Juscelino manda me chamar

e me diz que a Igreja, Dom Hélder, tinha manifestado o interesse em criar uma universidade católica em Brasília, alegando que os jesuítas estavam dispostos a fazer a universidade em Brasília, e que a universidade principal de Washington era a Universidade Católica. Não era verdade que a principal fosse católica, mas o argumento era esse. E o Juscelino me disse que ele tinha lavado as mãos. Que entre a minha universidade, que ele me tinha incumbido de fazer, e a jesuítica, que ele lavava as mãos. Eu conhecia muito o meu amigo JK e sabia que ele dizendo que lavava as mãos, ele já tinha passado para o lado dos padres. Não havia mais Universidade de Brasília.

Passei a semana mais trágica da minha vida, com uma dor de corno danada, porque a minha amada, que era a Universidade da Brasília, estava liquidada pelos padres. Passei uma semana terrível, procurando uma idéia do quê fazer. E, às vezes, o mundo é racional, ou razoável. Às vezes, o mundo corresponde ao que a gente pensa, ainda que não seja muito habitual isso.

Então, depois de pensar muito, cheguei a conceber que, para tratar com jesuíta só os cães de Deus: os dominicanos. Os dominicanos, especialistas em brigar com os jesuítas, era quem eu tinha que procurar.

Fui procurar. Procurei Frei Mateus Rocha, que era o Geral dos dominicanos e disse lá que todos fossem a guerra contra os jesuítas, que eu queria ajuda. E disse claramente o quê eu queria: eu propunha que ele fosse a Roma falar com o Papa, e dizer ao Papa, em meu nome – era o João XXIII – que...

M.C.M. – De homem para homem?

D.R. – De Papa para Papa, porra.

M.C.M. – Eu não queria ser tão indiscreta.

D.R. – Para dizer ao Papa, em meu nome, que aqui no Brasil já tinha oito universidades católicas. Quatro, se não me engano, pontifícias, que

formavam muito bons farmacêuticos, muito bons dentistas, mas não formavam teólogo nenhum, e que eu propunha a ele formar, criar, pela primeira vez depois da Revolução Francesa, numa Universidade do Estado, um Instituto de Teologia Católica. Nem queria Instituto de Teologia Geral, queria Instituto de Teologia Católica. Então, que eu entregava a batalha laicista a ele, criando o Instituto de Teologia Católica, desde, que ele apoiasse a Universidade de Brasília. E que, nesse caso, a única exigência da Universidade de Brasília era o princípio de não duplicação. Eles não podiam ensinar Matemática, nem Antropologia, nem Sociologia, e lá não podiam ensinar Teodisséia, Teologia, todas as coisas que são propriamente teológicas. E foi o Frei Mateus. Frei Mateus primeiro fez...

M.C.M. – E ele aceitou?

D.R. – Ele foi. Aceitou e foi lá. Foi lá falar, primeiro, com o Papa Branco, com o Papa dos dominicanos. Ganhou o Papa dos dominicanos. Junto com ele foi ao João XXIII. E chegou o Frei Mateus, daí a um mês, com as obras do João XXIII dedicadas a Darcy Ribeiro. Estão na biblioteca da Universidade do Brasil, devem estar. O único brasileiro que recebeu, do São João XXIII, as obrinhas dele com dedicatória. É marroquim vermelha a capa.

E o João XXIII topou. A Igreja pôs o rabo entre as pernas. Acabou a brincadeira. Procurei o Juscelino e disse: “Olha, Presidente, não há mais oposição nenhuma, porque tem um pequeno detalhe: nossa universidade tem um Instituto de Teologia, e a Igreja está muito entusiasmada”. Então, o Juscelino deu, outra vez, sinal verde, e se retomou o projeto da Universidade de Brasília. Se retomou com o compromisso do Instituto de Teologia, que nós começamos a criar.

T.F. – A Teologia ficou ao encargo dos dominicanos?

D.R. – Do Frei Mateus, dos dominicanos. Os dominicanos começaram a fazer um projeto próprio do Instituto de Teologia. Formaram 13 pessoas para o

Instituto de Teologia. Esse é um outro detalhe, também, que é importante. Cada setor de Brasília, cada instituto e cada departamento, devia ter uma coisa que eu chamava projeto próprio. Era o seguinte. Como é impossível para a Matemática cobrir toda a Matemática, ou para a Antropologia cobrir toda a Antropologia – nenhum campo de ciência, nenhum departamento pode cobrir toda a ciência – cada departamento ia escolher um tema, um campo ao qual ia se dedicar mais como pesquisa. E essa escolha era feita pela relevância social. Importância científica e relevância social. Uma vez escolhido o tema, o departamento ia ter recursos para chegar a ter existência nacional, ou seja, ser importante a nível nacional, em três anos. E existência internacional, se possível, em cinco anos. Então, cada setor tinha que escolher um aspecto, um campo.

O Instituto de Teologia escolheu uma coisa linda. De acordo comigo, Frei Mateus escolheu fazer uma coisa linda, que era a Bíblia de Brasília. Meu propósito era fazer de Brasília o livro do mundo. Então, combinei com os dominicanos de fazer a Bíblia de Brasília. Os dominicanos haviam feito a Bíblia de Jerusalém, que existe, hoje, que é muito importante. A Bíblia de Jerusalém foi feita por eles a partir do hebraico. Eles retraduziram a Bíblia com o espírito de fazer uma Bíblia ecumênica. Está feita. Há 20 anos que se está nesse esforço. É uma Bíblia que é válida para os católicos, e que pretende ser válida, também, para os judeus e para os protestantes. E tem notas de rodapé que dão a opinião dos outros, quando não está inscrita no texto. E tem a vantagem de que ela foi toda reescrita por literatos franceses, por grandes escritores franceses. Então, lá o Salomão não “oscula a Sulamita”, ele beija na boca de Sulamita. Então, o negócio sai todo numa linguagem moderna, boa, gostosa. Essa Bíblia de Jerusalém teve uma grande repercussão mundial. Está traduzida, por exemplo, para o espanhol, para o italiano... Mas pegaram o texto francês e traduziram.

Nós não íamos fazer isso, íamos fazer a Bíblia de Brasília, e por isso o nome não era de Jerusalém, era Bíblia de Brasília, porque os dominicanos tinham posto 18 pessoas que foram estudar hebraico, sânscrito, grego para, a partir

das raízes, refazer a bíblia, que seria publicada depois, capítulo por capítulo. Alguns capítulos chegaram a ser feitos. A idéia era produzir, em Brasília, essa Bíblia de Brasília. Era a tarefa fundamental do Instituto. O Instituto teve muita ajuda alemã, e de outros lugares do mundo. O prédio que o Oscar fez para o Instituto é um dos mais bonitos de Brasília.

E há uma coisa curiosa. Em 1964, quando se deu o golpe militar, todos os outros institutos que eu criei estavam lá e ficaram lá: Matemática, Física, Química, Biologia etc. O único instituto que eles destruíram, puseram fogo, foi o de Teologia. A raiva que eles tinham do que eles chamavam de “o casamento da Igreja com os comunistas” foi tal, que puseram fogo e denunciaram o tratado com os dominicanos. O Frei Mateus, que era o Vice-reitor da Universidade, ficou num abatimento tal, que vive até hoje numa pequena fazenda, em Brasília, impactado, – traumatizado, porque ele comprometeu a Igreja e comprometeu a Ordem com um dinheiro muito grande para fazer uma coisa que seria um dos grandes projetos do mundo, que era o projeto ecumênico de fazer o primeiro Instituto de Teologia Católica dentro de uma universidade leiga. E ele pôs toda a alma dele nisso. E foi quebrada da forma mais bruta, porque o quê a ditadura pôs para fora direto, em 64, foi o Instituto de Teologia.

Bom, mas eu estava contando que houve esse episódio e a coisa foi retomada. Em função disto, o Juscelino se decidiu a mandar o projeto de criação da Universidade de Brasília. Mas só tomou essa decisão no dia da inauguração da capital. Ou seja, ainda que o projeto estivesse na mão do Juscelino desde um ano antes, ele veio enrolando, enrolando, enrolando, – por causa da oposição do Israel, também – e só no dia da inauguração de Brasília que mandou o projeto para a Câmara. Isso era 60. Foi mandado para a Câmara e ficou lá.

Em seguida, Juscelino sai e entra Jânio Quadros. Jânio Quadros também me nomeou, por decreto, para projetar a Universidade, para continuar articulando a Universidade. Nesse momento, se tratava de acompanhar a

tramitação no Congresso. E aí houve uma coisa que meus artigos acharam que era oportunismo. O Instituto de Teologia também eles achavam que era oportunista. Nunca se convenceram de que Teologia é importante. O Leite Lopes escreveu um artigo contra mim. Um artigo feio, dizendo que eu saudava com chapéu alheio, que eu falava muito da ciência mas que eu não tinha autoridade. E eu fiquei desmoralizado para muita gente, com o negócio de Teologia Católica.

Mas aí ocorreu um outro episódio, gozado, que foi no dia em que o Jânio Quadros caiu. Eu estava em Brasília. Estive com o José Aparecido neste dia, com o Castelinho etc. Fiquei sabendo logo, na hora. Às 12 horas, eu sabia que o Jânio Quadros tinha renunciado. E fui para o Congresso, porque vi, imediatamente, que era a minha chance de fazer aprovar o projeto. O projeto da Universidade de Brasília estava no número 18 da ordem do dia. Podia levar um ano ou dois. Até mais. E eu fui lá.

Estava presidindo a Câmara o carioca Sérgio Magalhães, deputado. Cheguei atrás da cadeira do Sérgio Magalhães e disse: “Olha, Sérgio...” O Congresso estava discutindo, impactado, a renúncia. Já tinha aceito a renúncia, mas os deputados não saíam, tinha medo de sair. Isso era três da tarde, duas e meia da tarde. Tinham medo, porque, se eles saíssem, podiam não voltar, os militares podiam fechar o Congresso. Então, o quê eles iam fazer? Já não tinham mais o que discutir, já tinham aceito a renúncia do cara. E aquela agitação incrível na casa. Foi o dia mais agitado que o Congresso viveu. Eles consideraram a renúncia um ato unilateral, e aceitaram. E a tensão era muito grande.

Cheguei atrás do Sérgio, e disse: “Olha, põe em discussão o projeto da Universidade de Brasília, para dar ordem na casa”. Ele disse: “você é louco, tarado. O quê é isso? Quê história é essa de Universidade de Brasília, numa hora dessas, num dia desses?” Eu disse: “Sérgio, juízo! É hoje, vocês precisam provar que esse Congresso existe e funciona, porra! Põe aí”. Ele aí percebeu. Político é bom por isso.

Pega na hora! Essa é a hora de fazer aquilo. Seria a hora boa para fazer outra coisa, mas o que podia fazer naquela hora era aquilo. Aquilo é que organizaria o pensamento de todo o mundo. Então, ele disse: “Vai lá, procura um líder qualquer e pede”. E aí foi outra briga. Fiquei procurando um líder e afinal encontrei Josué de Castro. Ele também disse: “Darcy, você é louco, tarado! Que mania de Universidade de Brasília!” Eu expliquei e ele concordou.

Quando o Josué disse: “Sr. Presidente, peço a palavra...” Quando ele começou, o Sérgio já anunciou: “Senhores deputados, está em discussão o projeto da Universidade de Brasília. Passou para o número um da ordem do dia. Senhor secretário, leia o projeto”. E começou. E os deputados todos olhando assim. “Está louco. Discutindo universidade nessa hora!” Mas todos perceberam – o político percebe – que era o que tinha que fazer para mostrar que a Câmara estava funcionando. Então, começou o debate. Cem deputados falaram. Não falaram da crise do Jânio Quadres, falaram da Universidade de Brasília. Falaram, falaram. O único que falou contra em discurso, foi o velho Raul Pilla, do Partido Libertador, lá do Sul. Raul Pilla tinha 90 anos. Que 90, tinha 300 anos! Então, Raul Pilla pediu a palavra e disse uma coisa que ajudou muito o projeto. O Pilla disse: “Porque, se nossos pais mandavam os seus filhos estudarem em Lisboa, por que não podemos mandar os nossos estudar no Rio de Janeiro?” Foi aquela gargalhada. Só o pai dele é que podia mandar ele para Lisboa, o pai de – ninguém mais. Era um negócio arqueológico. Foi aquela gozação. Ainda assim, a UDN, com aquela brutalidade da UDN, boçalidade da UDN, teve alguns votos. Mas ganhamos por 150 votos a 30 ou 40. O projeto passou, lindamente.

E passou, com isso, o projeto mais ousado que já se tinha proposto. Uma universidade experimental, com direito de fazer o que ela quisesse dentro de certa pauta. Uma universidade rica. Por exemplo, a Universidade de Brasília nasceu dona do usufruto das ações da Companhia Siderúrgica Nacional.

Volta Redonda era da Universidade de Brasília. Nasceu com 12 superquadras em Brasília; com 300 hectares dentro da cidade, para o campus; e uma fazenda, que o Israel Pinheiro deu. Quando ele perdeu a batalha comigo, de não criar a Universidade de Brasília, ele doou um terreno, para pôr a Universidade a sete quilômetros de distância. Aí, fiquei com aquilo e passei o Centro de Estudos de Tecnologias do Serrado para lá. Ia ser a Unidade de Ciências Agrárias.

Assim, foi aprovado na Câmara. Mais tarde, foi aprovado no Senado, graças ao Hermes Lima, quando o Hermes Lima era Primeiro Ministro do João Goulart. Com o Hermes Primeiro Ministro, consegui que passasse no Senado. E fui nomeado, imediatamente, reitor, para implantar a Universidade. Fiquei na Universidade algum tempo. Saí da Universidade para ser Ministro da Educação, e o Anísio ficou me substituindo. Depois de ser Ministro da Educação, voltei para a Universidade por alguns meses, mas tornei a sair para ser Chefe da Casa Civil. Então, ficou, o Anísio me substituindo, até a nossa queda, em 64.

Foi substituir o Anísio, o Zeferino Vaz, que atuou bem. O Zeferino Vaz tinha feito a melhor escola de Medicina do país. É um reacionário, era um homem lá do partido do Ademar de Barros, mas é um universitário competente. Ele tentou salvar a Universidade de Brasília, e manteve a casa. E a Universidade pôde sobreviver a nós um ano e meio. A Universidade só veio cair no fim de 65. Aí, então, já com Laerte. O Zeferino tinha feito tudo para salvar a Universidade, mas havia muita animosidade.

Foram feitas várias provocações e ocorreu aí uma das coisas mais bonitas da história brasileira, uma coisa rara no mundo inteiro, que é o fato de que 220 professores de Brasília pediram demissão e saíram no mesmo dia. Então, a universidade foi refeita com a chamada “prata da casa” que é, também, uma “merda da casa”. Quer dizer, quem havia ali deputado, cunhado de deputado, doméstica de deputado, vereador do subúrbio de Goiânia... Toda aquela gente foi arrebanhada para substituir os professores, que formavam a

melhor equipe que a Universidade já teve no Brasil. Nós trouxemos, por exemplo, o Salmerón, que era o cientista brasileiro que dirigiu um dos mais importantes programas em ciências físicas, em Genebra, onde ele tinha o papel de direção. Ele veio para implantar Física. Naquele dia saíram 230, e nós tínhamos levado uns 280.

Agora, o que é de assinalar é que ninguém vai para Brasília assim, de *motu proprio*. Brasília não tem casa para alugar. Então, o esforço de fazer a Universidade foi simultâneo ao esforço enorme que eu fiz para conseguir casas, móveis, para instalar essas pessoas. E cada um desses homens que pediu demissão, ele tinha recebido uma casa para morar, um apartamento adequado, mobiliado. Então, muitos desses tinham deixado, todos tinham deixado casas nos outros lugares, emprego, e a demissão lá não era demissão para procurar outro emprego na cidade, era sair com a família para cá, em geral com dívida. Então, foi um sacrifício tremendo. Saíram com uma mão adiante e outra atrás.

Mas o espírito de todo mundo ali, de salvar a Universidade de Brasília, de continuar com aquilo só em dignidade, em condições de dignidade, de autonomia... Acreditando que uma coisa tão importante como aquela não podia aceitar cabresto, não podia aceitar ser mandado por um sargento, como o sargento que acabou dirigindo, esse marinheiro que está lá. Esse espírito fez com que todos se demitissem.

Tenho conversado com dezenas de pessoas – que encontro por diferentes lugares do mundo – que saíram na diáspora cultural brasileira, e que estão por todo o lugar. Tenho conversado com dezenas deles. Paulo Emílio Sales Gomes, de que você falou, Tiomno, Salmerón que eu citei, e dezenas de outros. Para cada uma dessas pessoas, a experiência de Brasília é a experiência mais alta de sua vida, a coisa mais bela de que ele participou. O momento mais belo, mas... O nosso compositor, que eu encontrei na Alemanha, o Cláudio Santoro. O momento mais belo, a coisa mais generosa de que ele participou. O grupo com mais *espírito de coros*, o grupo mais

generoso, mais bonito foi o grupo de Brasília. Uma experiência, realmente, extraordinária, esta de repensar a universidade, de colocar uma estrutura cultural a serviço do desenvolvimento do país, criando um ambiente interfecundante de convívio. Tinha também uma qualidade de artistas, não só o Cláudio em música, mas havia escultores, havia pintores. O ambiente do campus da Universidade de Brasília era, realmente, uma maravilha para convívio. Todos ficaram marcados por isso. Graças à estrutura da Universidade.

Ela, depois disso, caiu num nível muito baixo, quando a merda da casa foi utilizada. Depois, foram retirados alguns daqueles professores improvisados, outros melhoraram a sua formação, dada a exigência de mestrado e de doutorado. Hoje é melhor do que chegou a ser, por que era muito ruim. E vai-se recuperando. E pode ser recuperar no futuro. Agora, a condição para que uma universidade como a de Brasília funcione é a liberdade docente e a liberdade acadêmica. É a liberdade de investigação, que conduz a uma coisa muito importante: o direito de falar, sem ter medo de ser punido, e o direito de errar. Você só pode tentar acertar quando você pode errar sem pancada. Então, sem essa liberdade acadêmica, sem um ambiente de confiança, uma coisa como aquela não pode funcionar.

Aquela Universidade é indispensável, entretanto, para que a cidade de Brasília seja capaz de fazer aquelas coisas que eu disse. Ou seja, se transformar num centro cultural, que um dia crie outras Brasília, e que seja um centro, também, social e cultural, cientificamente capaz de conviver com os outros núcleos brasileiros e de exercer um efeito fecundante. Esse foi o propósito com que a Universidade foi criada. E esse é um propósito permanente, que vai ser retomado. Há pouco tempo atrás, fui a Brasília e fui ver a Universidade. Amigos meus, como Oscar Niemayer, Vera Abrante, Lelé, uma quantidade de gente que vive em Brasília nunca voltou à Universidade. Eles nunca quiseram. E eu não tinha porque não voltar, estava em férias, não havia perigo de ver reitor, ou de muita gente lá me reconhecer.

E fui ver. Me emocionou ver. Vi prédios ruins e bons. O Minhocão que o Oscar fez lá, acho que é o melhor prédio de universidade do mundo, e é um dos prédios mais dignos de Brasília, mais bonitos. Tem dignidade, beleza e simplicidade. É um edifício com 700 e tantos metros, com três andares. Só nesse edifício dava para pôr todos os institutos centrais da Universidade. De lá é que o aluno deve partir para as escolas profissionais. Mas esse edifício, em si, é uma beleza. Ao lado dele, há coisas horríveis, como a reitoria pretensiosa, com cara de bolo de noiva; um imbecil de um comedouro, de um refeitório, colocado num lugar que estava previsto para um planetário – e que é horrível, é uma arquitetura pretensiosa. E há uma merda lá, também, que é uma Faculdade de Tecnologia, que foi inaugurada agora, e que é feita naquele estilo das fábricas antigas. Lembra as fábricas Matarazzo – não as fábricas modernas, porque as fábricas modernas são edifícios bonitos. Lembra as fábricas do Matarazzo do século passado. É realmente horrível. Então, o Minhocão teve um efeito muito bom, porque sendo muito grande – 100 mil metros – eles ficaram ocupados fazendo o Minhocão até agora, e não puderam fazer muita besteira. Mas mesmo assim, já vi que tem bastante besteira. Está chegando a hora de a gente chegar lá, limpar aquele campus, consertar aquilo e retomar o caminho de Brasília.

Eu, indo a Brasília agora, pude sentir, tive a sensação de que a Universidade não são os prédios na tarde da macega em Brasília. Uma universidade é um espírito, é um propósito, é um projeto, e esse projeto, esse espírito reside em muita gente, é uma vocação, uma inspiração. É aquele espírito que corresponde à necessidade dessa sociedade, daquela sociedade de Brasília, daquele núcleo cultural, e que deve completá-la, para dar a ela dignidade, existência e autonomia no plano espiritual. Isso é o que eu suponho que a Universidade vai retomar.

Um aspecto, também, muito assinalado aí, que nem é muito importante, é que eu podia dizer que sou o educador mais bem sucedido no Brasil. Não só nas minhas vaidades imperiais, mas de fato. Eu podia dizer que sou o

educador mais bem sucedido, porque o plano básico da universidade de Brasília foi adotado pela ditadura. Quer dizer, a lei da universidade está calcada na Universidade de Brasília. Então, esses institutos centrais, que eu criei, foram multiplicados. E também a coisa fundamental que eu coloquei em Brasília – coloquei como princípio imperativo, havia tentativas disso antes no espírito norte-americano, mas não de forma imperativa – que foi a articulação total da carreira docente com os graus acadêmicos.

Então, em Brasília, o sistema que eu implantei é um sistema pelo qual o estudante de mestrado é instrutor da universidade, dá quatro horas de aula, cinco horas de aula. Trabalha como professor. Agora, um instrutor tem três anos de prazo para tirar o seu mestrado. Se tirar o mestrado, sai e dá a vaga para outro. Se não tirar, também sai em três anos. Quer dizer, o lugar de instrutor é uma bolsa permanente, para gente que, naquele nível, vai fazer mestrado. Então, em lugar de deixar o pessoal consolidado no quadro da universidade, o pessoal está rodando sempre, e a universidade é um conjunto de pastores – cano eu digo – dos meninos que estão sendo formados. Alguns podem ser retidos na universidade, outros são mandados embora, quando a universidade não necessita.

O instrutor tem o prazo de três anos para ser instrutor, e é o prazo dele obter o mestrado. Se ele obtém o mestrado, ele se candidata a fazer o doutorado. A universidade pode dar ou não a bolsa de doutorado. A bolsa de doutorado é um contrato como assistente. Então, a posição do professor assistente é a dele já ser professor assistente, mas a posição do assistente é do candidato ao doutorado. O candidato ao doutorado tem cinco anos para fazer o doutorado. Se ele faz o doutorado, ele sai da condição de assistente, passa a ser associado. Chega, então, na carreira permanente, se a universidade o retém. Ou a universidade não retém, porque não precisa dele, mas ele sai com o seu diploma de doutorado. Se ele não faz o doutorado em cinco anos, sai igualmente. Então, os dois cargos da carreira de docente são cargos em rotação rápida de gente do país inteiro que está indo a Brasília para completar a sua formação. E esse sistema, mais o sistema dos institutos

centrais funcionando em três níveis, mais uma quantidade de outros detalhes foram adotados na lei da universidade.

Só que há alguns detalhes que uma ditadura não pode fazer. É claro que os meus institutos centrais eram institutos centrais de verdade. Não pensei fazer um curral no instituto central e fizeram currais. Pegaram professores de Matemática, que eles tinham no Ceará, ou aqui no Fundão ou em Santa Maria, juntaram num curral só e puseram uma placa na frente: Instituto Central de Matemática. Isto não é Instituto Central de Matemática. O Instituto Central de Matemática em Brasília foi aquela instituição que nós íamos criar, que levava dez anos para ser implantada, e que seria capaz de dar, a nível internacional, doutorado.

Ele começava trazendo gente capaz de dar curso de doutorado. Ia trazendo meninos para fazer mestrado. Com eles, ia fazer um processo de dez anos para chegar a formar seu próprio produto. Quer dizer, aquele estudante que começou no primeiro ano, fez quatro anos básicos de Matemática, fez mais dois anos de mestrado, fez mais quatro de doutorado, – terminados os dez anos – ele seria o primeiro produto da casa. Então, levaria dez anos de implantação. Esses dez anos estavam programados com atividades científicas e outras, que cada instituto tinha que fazer, dentro daquela linha de projeto próprio. Então, a Universidade ia implantando os seus institutos e, no momento que acabasse de implantá-los, o Brasil teria o domínio completo do saber matemático, físico, químico, e teria montado uma máquina prodigiosa de formar cientistas e gente que, tendo sido treinada em atividade científica alta, podia ser utilizada para atividades tecnológicas.

Agora, isso, que era o projeto nosso, eles pegaram e converteram numa nominalística. Começaram a pegar o gado da casa, laçar o gado que havia aqui no Rio de Janeiro, da pior Faculdade, da Faculdade Nacional de Filosofia – com o Heremildo e outros – pegar essa gente toda e apelidar isso de Instituto de Filosofia ou Instituto de Ciências Humanas, sem nenhum critério. Quer dizer, essa gente só é capaz de multiplicar-se a si mesma. O

fato é que a multiplicação foi mentirosa, se tentou multiplicação com a expulsão dos capazes. Num sistema universitário, num sistema de multiplicação, a universidade é um útero, em que a classe dirigente do país se reproduz. E ela se reproduz igual, se a sociedade não muda. Esse útero, essa matriz multiplicadora, ela multiplica-se a si mesma. Você precisa mudar a qualidade dela, para que ela possa multiplicar melhor.

Mas ela, ocasionalmente, forma um multiplicador. Por exemplo, foi preciso formar milhares de arquitetos para saltar o Oscar Niemayer. Foi preciso formar 50 mil economistas para saltar Celso Furtado, ou formar muito cientista para saltar Leite Lopes. Agora, quando Leite Lopes, Celso Furtado, Oscar Niemayer são proibidos de se multiplicarem aqui... O Celso está-se multiplicando em Paris. Ele, na Sorbonne, orienta 30 teses de doutorado por ano. A Sorbonne não precisa dele, o mundo não precisa dele, mas o Brasil precisava dele. E o multiplicador não estando aqui, é claro que a coisa se degrada.

Então, não há crise de crescimento no ensino brasileiro, não há crise de crescimento nenhuma, como eu costumo dizer. Se o sistema que nós implantamos em Brasília tivesse funcionado, você teria tido programas de mestrado e de doutorado formando gente com alto padrão, num nível necessário para a expansão da matrícula. Agora, não só não fizeram os programas, como consolidaram o pessoal velho, ruim, que havia, e deram a esse pessoal a capacidade de se multiplicar. O Heremildo, como historiador, se multiplicando dá heremildadas. Então, dá no que está aí, não é? Bem, agora eu estou cansado.

M.C.M. – Esse sistema de ter apenas mestrados em contato com o aluno de graduação...?

D.R. – Não, não é só. Porque, por exemplo, você tem um professor de Matemática que dirige o programa naquele campo. Cada professor tem obrigações

docentes que ele tem que cumprir, também, nos cursos de graduação. Ele é pastor dos...

M.C.M. – Ele não está isolado, intermediado por essas...

D.R. – Não, porque o ensino de Matemática é de responsabilidade dele. Ele manda os seus meninos ensinar. Agora, o sistema básico da universidade que nós chegamos a implantar lá, um sistema... Havia dois sistemas de ensino básico. Um sistema, eu chamo de aula maior; o outro, de ensino experimental. O sistema de aula maior era o seguinte: um professor chega... Por exemplo, eu poderia chegar para dar um curso de Antropologia. Então, eu daria o semestre. Lá tinha dois semestres. Os semestres eram iguais, de 16 semanas precisas, com dois colchões. Se houvesse greve, ou qualquer coisa, o estudante ia comer as suas férias. O colchão de exame de férias. Mas o semestre só valeria se ele tivesse 16 semanas, para acabar com essa brincadeira de falsificação do ensino no Brasil. Então, eram 16 semanas.

Um curso de Antropologia formal, semestral, seriam 16 conferências. 16 ou 32, conforme a intensidade do curso. Conferências magisteriais, digamos assim. Não perder isso, que é uma qualidade também. Então, o professor de alto nível, conhecido, Leite Lopes ou eu, podia dar uma conferência. Eu dava uma conferência de duas horas, seguidas de debate. Agora, o estudante, quando entrava para essa conferência de duas horas, já recebia o texto, não da conferência, mas das leituras da conferência. 40 páginas. E eles se reuniam depois. Eram 200 e tantos que assistiam ao meu curso. Eles se reuniam depois, com os instrutores, num nível de 25 estudantes para cada turma que o instrutor controlava, e tinham quatro horas de repetição sobre aquelas duas horas. Então, você tinha uma intensidade de atenção muito maior. E, num sistema de ensino, era isso que nós chamávamos “aula maior”. Um curso formal que podia ser dado como conferência era curso de aula maior, com carga de leitura obrigatória e com esse tipo controle.

E o outro sistema era o ensino experimental. Parece brincadeira, mas o ensino experimental criou em Brasília o método Keller. O método do Keller, hoje usado no mundo inteiro para o ensino de ciência, foi criado em Brasília. Criado por Keller, que eu tinha levado para lá. O primeiro método Keller do mundo foi feito lá, para Psicologia. Depois, começaram a fazer Matemática, que acabou sendo feito nos Estados Unidos. Matemática e Física, que é como se ensina Matemática, hoje, no ensino universitário do mundo.

No caso de Psicologia, de Matemática, o que se faz é o seguinte. Divide-se a matéria em quantidades de dossiês, cada um correspondente a um número de tarefas, em que o estudante tem que estudar, saber aquelas tarefas e realizar aqueles experimentos. Sobretudo para campo experimental, como Psicologia, tinha que fazer aqueles experimentos. Agora, quando o estudante fez o experimento e manjou o negócio, quando ele já curtiu e manjou aquilo, ele diz: “Olha, passei esse.” O professor dele verifica numa conversa se ele sabe mesmo aquilo. E manda fazer o outro. Ele passa para o outro. Então, um estudante pode fazer na metade do tempo, ou no dobro do tempo, conforme o ritmo dele. Cada um segue seu ritmo, mas só passa se cumprir aquelas tarefas. Esse sistema de ensino foi criado em Brasília.

M.C.M. – E o sistema montessoriano para crianças, não é?

D.R. – Pois, é, mas o montessoriano é isso em nível elementar. O importante é que o Brasil nunca inventou nada pedagogicamente, nem podia inventar. Era preciso ter uma estrutura como Brasília para poder dar um palpite, mundialmente, sobre o ensino. Mas como a Universidade de Brasília era, de fato, uma universidade muito mais livre do que qualquer universidade do mundo, ela estava aberta para pensar a si mesma, lá é que o Keller pôde fazer as primeiras experiências que deram lugar a um método pedagógico do ensino superior que é uma coisa rara de surgir no mundo.

T.F. – Eu tenho uma pergunta que é a seguinte: como é que se encaixava a ciência, enquanto prática social de produção, saber científica – científico: no sentido mais estrito – na Universidade de Brasília? Quer dizer, era ao mesmo tempo um centro pedagógico, um centro de geração cultural, mas era também um centro de produção científica. Como é que se ponderavam essas coisas, qual era o papel que se dava a ciência?

D.R. – Vou responder isso com um pouco de... O que estou falando tem esse aspecto. Fiz Brasília, coordenei Brasília e continuei pensando Brasília durante anos. Vivi dez anos no exílio, como sapateiro, remendando universidades. Minha função era pôr uma meia sola, ou salto, em universidades pelo mundo. Reformei oito universidades. Fiz projetos para reformar oito universidades. Então, continuei pensando Brasília, e as coisas que eu falo agora, pode ser que não estivessem tão claras na minha cabeça.

Mas uma coisa já era clara, porque correspondia a minha experiência. É que ciência é um campo em que o grau de charlatanice é maior, talvez, que em outra atividade qualquer. Charlatanice, talvez, seja uma palavra muito pesada, mas se a gente substituísse por, não leviandade... Mas a maior parte dos cientistas vive do prestígio da ciência, e não contribui para ela. E não é mau que seja assim. Pela sua natureza a ciência é uma procura de saber, é um esforço de multiplicar o saber, é um esforço de ampliar o conhecimento, que só pode funcionar com uma margem de erro muito grande, com uma procura que é meio anárquica. Você não pode disciplinar o cientista e determinar que ele investigue numa linha ou noutra. Você pode estimular certas linhas, mas você não pode proibir também. Então, por sua natureza anárquica, ela permite muito charlatanismo, permite muita coisa, e tem que se ver com critério para que a intervenção não creste, não queime a criatividade.

Agora, no caso de Brasília, o que nós tínhamos com clareza, quanto à ciência, era o seguinte. Tratava-se para Brasília de dominar o saber, mas dominá-lo como um saber capaz de gerar um auto-conhecimento nacional e uma capacidade de tratar da temática nacional, o que não proibia nenhum

cientista de fazer um estudo, que fosse relevante cientificamente, que ele quisesse fazer. Mas as ênfases da Universidade seriam ênfases que, na definição do projeto próprio de cada departamento... Projeto próprio era um campo científico geral, mas uma aplicação dele que tivesse certa relevância social. E para nós o fundamental era isto, que a universidade devia atuar como uma grande instituição de investigação científica, de pesquisa científica, dado o fato de que você só pode ensinar adequadamente uma ciência onde ela é cultivada.

Agora, sem ilusão. Hoje em dia até em jardim de infância se fala que os meninos vão pesquisar. No Brasil, tem uma brincadeira de pesquisar, todo mundo pesquisa. Isso é uma leviandade. Pesquisa é em pós-graduação, e em pós-graduação com pastor mandando. Ciência é o último campo no mundo que mantém o machismo, mantém a *senioriality*. Você tinha uma *senioriality* total do carpinteiro, antigamente, que ensinava o outro a trabalhar como carpinteiro. Um sapateiro, para formar outro, levava oito anos, explorando, mas o outro só estava bom quando era capaz de fazer um sapato sozinho, e um sapato primoroso. Então a *guild* reconhecia ele como sapateiro.

E isto é ciência. Ciência tem uma quantidade de macetes, de segredinhos, que a gente aprende um pouco ouvindo, e aprende é no convívio do laboratório, na investigação com outro. Então, a ciência guarda alguma coisa da relação artesanal, que é necessária. Agora, você só pode aprender com quem sabe, não com quem é cientista de mentira. E quando você está no Brasil, onde 80% dos cientistas são de mentira, não contribuem nada para a ciência, e sabem mesmo que não funciona, é uma doidura. Você tinha que ter cientistas de alto padrão, realizando suas pesquisas e orientando pesquisas de pessoas que, num nível de mestrado, num nível de doutorado, estivessem fazendo pesquisa. Nesse ambiente, quem está fazendo pesquisa de mestrado e de doutorado, está tomando conta de alunos do nível básico. Então, é aquele espírito de cima que se transmite...

FINAL DA FITA 2 – A